CÂNDIDO



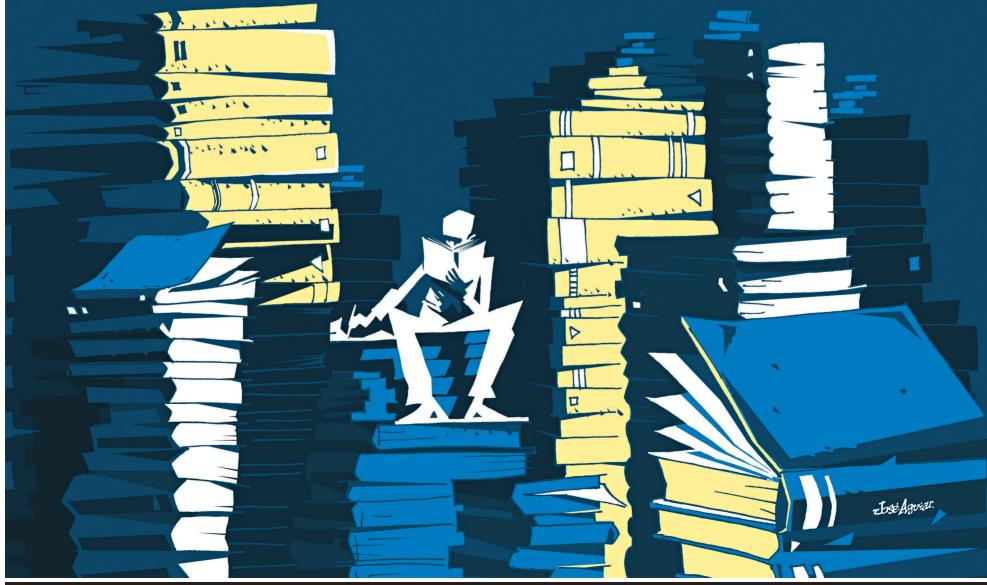
82

MAIO 2018 www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

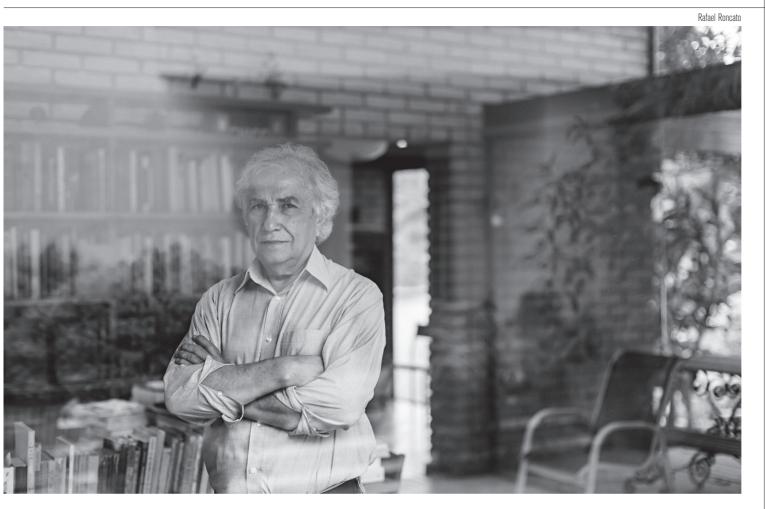
Um gênero cercado de gêneros

Marcada pela versatilidade, a antologia inédita *O tempo visto daqui* reúne crônicas publicadas na imprensa paranaense nos últimos 150 anos



Crônica | José Paulo Paes • Os Editores | Plínio Martins • Memória Literária | Waly Salomão

EDITORIAL



o primeiro semestre deste ano, o selo Biblioteca Paraná publica uma antologia inédita contendo textos de cronistas paranaenses, desde o início da imprensa no Estado até o presente. O livro é organizado pelo escritor e professor da Universidade Federal do Paraná Luís Bueno.

Ao longo de dois anos, Bueno percorreu mais de um século da imprensa do Paraná, pesquisando centenas de jornais e revistas. O resultado é *O tempo visto daqui*, que reúne mais de 80 escritores, de todas os períodos da história do Paraná. No ensaio publicado nesta edição, o organizador escreve sobre os desafios que enfrentou durante a pesquisa e reflete sobre o conjunto de textos que compõe a obra. O livro traz um recorte amplo da produção dos cronistas no Estado, com nomes importantes do início século XX (Rodrigo Júnior, Raquel Prado), passando por es-

critores que militaram intensamente na imprensa do Paraná (Emiliano Perneta, Rocha Pombo) até chegar aos autores contemporâneos (Dalton Trevisan, Roberto Gomes, Domingos Pellegrini).

"Se uma ilha é terra cercada de água, ou seja, algo isolado por coisas que não são de sua natureza, a crônica é uma espécie de anti-ilha: um gênero cercado de gêneros por todos os lados, comunicando-se com todos e incorporando tudo a partir do olhar dessa figura curiosa e atenta que é o cronista", escreve Bueno, sobre os desafios de classificar os textos que escolheu para o livro.

Além do ensaio do professor da UFPR, o **Cândido** publica três crônicas que fazem parte de *O tempo visto daqui*: "Enterro de gente pobre", de Adriano Robine (1902-1982), "Nós num começo de vida", de José Paulo Paes (1926-1998), e "Ficção em sala de professores", de Marta Morais da Costa.

Outro destaque da edição 82 é a sétima entrevista da série "Os Editores", em que Plínio Martins (foto) fala sobre sua trajetória no mercado editorial, principalmente da experiência que teve à frente das editoras Perspectiva, Edusp e Ateliê.

Após 15 anos da morte de Waly Salomão (1943-2003), o jornalista e escritor Marcio Renato dos Santos entrevista acadêmicos, poetas e o filho do autor, Omar Salomão, para falar sobre o legado poético do autor de *Me segura qu'eu vou dar um troço*.

Entre os inéditos, o **Cândido** publica poemas de Ronaldo Werneck e uma ficção de Rafa Campos. A seção Cliques em Curitiba apresenta o trabalho do fotógrafo Danilo Senedezi Bechtloff. A capa da edição é assinada pelo artista José Aguiar.

Boa Leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná







Governadora do Estado do Paraná: Cida Borghetti Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:

Daniel Tozzi e João Lucas Dusi.

Diagramação:

Thancom

Colaboradores desta edição:

Adriano Robine, André Caliman, Danilo Senedezi Bechtloff, Henry Milléo, Helena Carnieri, José Aguiar, José Paulo Paes, Luís Bueno, Marta Morais da Costa, Rafa Campos, Rafael Roncato, Ronaldo Werneck, Ronaldo Bressane e Vilma Slomp.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901| Curitiba - PR Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO indica

AMULETO

Roberto Bolaño, Companhia das Letras, 2008 (Tradução: Eduardo Brandão)

É a banguela Auxilio Lacouture, "mãe de todos os poetas do México", quem narra este que é um romance algo memorialístico, algo insano. Atormentada, Auxilio conta o episódio em que o exército invadiu

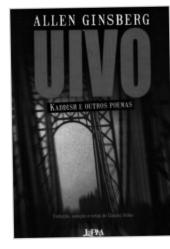


a Universidade Nacional Autônoma do México e ela se safou ao se esconder por vários dias num banheiro. Apesar de sua convivência diária com escritores, da vida boêmia e inflamadas discussões literárias, as palavras da narradora apontam para um desastre iminente. Em meio à tormenta, somente o canto dos jovens poetas latino-americanos é capaz de oferecer qualquer vislumbre de alento. Em Amuleto, o chileno Roberto Bolaño homenageia todos os que resistem através dos versos, da escrita, num romance curto mas intenso, repleto de lirismo e esperança.

UIVO, KADDISH EOUTROS POEMAS

Allen Ginsberg, L&PM, 1984 (Tradução: Cláudio Willer)

Proibido de circular após ser publicado, em 1956, Uivo representa — juntamente com On the road, de Jack Kerouac — o ponta pé inicial da geração beat. Nesta



edição, o logo poema em prosa de Ginsberg é acompanhado de outros dois livros, Kaddish e Sanduíches de realidade. A narrativa, embalada pelas influências místicas do autor, traça a sinuosa trajetória da geração de autores que marcou a literatura americana e mundial no século XX. A edição brasileira ainda vem acompanhada de um elucidativo ensaio de Cláudio Willer, que deixa o leitor brasileiro a par de todas as conexões entre vida e obra de Ginsberg presentes nos célebres versos de Uivo.

POESIA REUNIDA

João Manuel Simões, Editora do Chain, 2018

Nascido em Portugal e radicado em Curitiba desde 1954, João Manuel Simões é autor de mais de 40 livros - nos mais diferentes gêneros. Em 2015, sua vasta produção poética come-

çou a ser reeditada. O terceiro volume de uma série da quatro tomos, com 5 livros publicados originalmente entre os anos 1980 e 1990, acaba de sair. A antologia traz poemas em que Simões dialoga com a literatura e outras expressões artísticas — traço que se tornou uma das marcas de sua poesia —, a exemplo do livro Lira de Dom Quixote (1992), todo ele dedicado ao clássico de Cervantes.



William Kennedy, Cosac&Naify, 2009 (Tradução: Sergio Flaksman)

Discípulo de outro William, o Faulkner, o americano William Kennedy segue

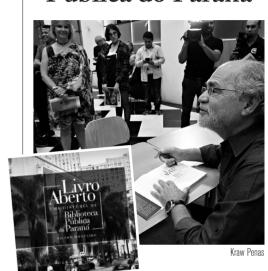
com maestria a trilha literária deixada pelo autor de O som e a fúria e Palmeiras selvagens. Neste O grande jogo de Billy Phelan, lançado em 1978, o autor dá contornos oníricos, míticos, a uma vida que transborda realidade. Billy Phelan é um apostador incorrigível que cai em desgraça após uma decisão que contraria um figurão do submundo de Albany, território em que se passam sete dos romances de Kennedy. Costurando as histórias dos personagens, o escritor constrói um romance não--linear que exige atenção total do leitor, mas que é muito recompensador ao final.



WILLIAM KENNEDY

Uma narrativa sobre a Biblioteca Pública do Paraná

CURTA DA BPP



O jornalista e escritor Nilson Monteiro autografou o Livro aberto. uma história da Biblioteca Pública do Paraná no dia 4 de abril no Hall Térreo da Biblioteca. Publicada pelo selo Biblioteca Paraná, a obra traz em 216 páginas informações sobre as 13 sedes da BPP (que completou 161 anos de atividade), seus 41 diretores e mostra a relação da comunidade com o espaço de 8,5 mil metros quadrados que é um centro cultural com mais de 30 projetos e reúne mais de 700 mil itens, entre livros, documentos, revistas, jornais, selos, cartas e títulos raros.

O lançamento da obra contou com a presença de dezenas de pessoas, entre as quais o vice-prefeito de Curitiba, Eduardo Pimentel, o presidente da Academia Paranaense de Letras, Ernani Buchmann, jornalistas, escritores, amigos e parentes do autor, ex-diretores e o atual diretor da BPP, Rogério Pereira. "O Livro aberto é uma obra sobre uma biblioteca, mas também a respeito do Paraná, do Brasil, do mundo e, portanto, de todos nós", disse Pereira, desde 2011 à frente da Biblioteca Pública.

OS EDITORES | PLÍNIO MARTINS

Fotos: Rafael Roncato

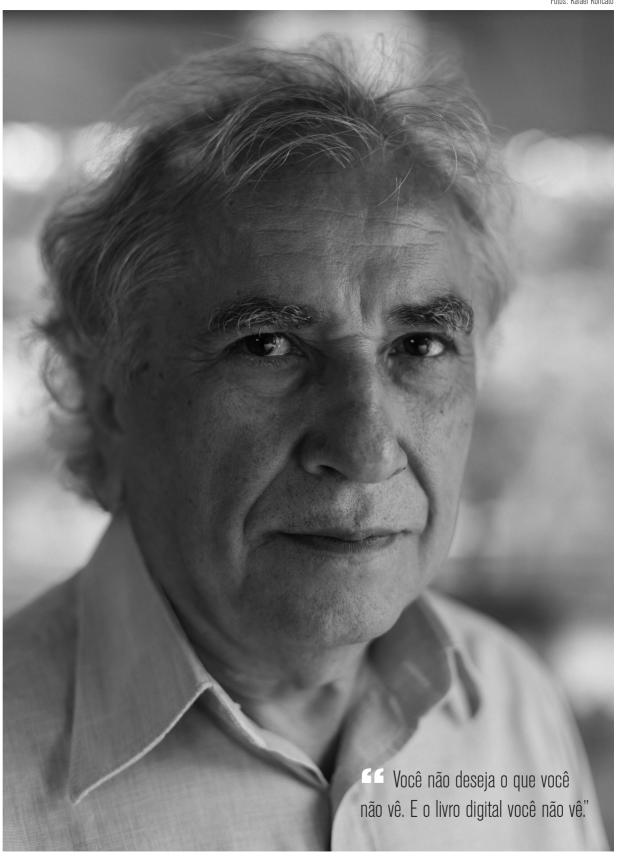
Livros sobre livros

Na sétima entrevista da série "Os Editores", **Plínio Martins** fala sobre o difícil começo de carreira, a convivência com grandes intelectuais e o trabalho que desenvolveu nas editoras Perspectiva, Edusp e Ateliê

RONALDO BRESSANE

mundo editorial recebeu a notícia com estranheza: Plínio Martins Filho saía da Edusp, casa editorial da Universidade de São Paulo que dirigiu por 26 anos, substituído por Valéria de Marco, professora do departamento de Letras Modernas sem nenhuma experiência editorial. A notória discrição de Martins — que, em vez de sair atirando, preferiu publicar uma carta de despedida agradecendo pelas oportunidades —, encobriu a esquisita nomeação. "Claro que eu não pensava em me eternizar no cargo", contou ele. "Mas esperava pelo menos por um telefonema do reitor dando uma satisfação", conta Martins, que soube da exoneração lendo o Diário Oficial. O ex-reitor Marco Antônio Zago teve atuação polêmica à frente da USP, marcada por congelamentos de salários, greves de professores e mais afagos ao baixo clero que acenos na direção dos luminares da universidade. No tocante à gestão da Edusp, cometeu no mínimo uma deselegância.

Elegância é um dos eixos cruciais da carreira de Martins, que prefere falar de livros em lugar de comentar sobre al-



guma frustração aqui ou outra ali — e todo grande editor é um perpétuo insatisfeito, pois "fazer livros é um trabalho sem fim", já dizia o Eclesiastes. Os milhares de livros que editou se caracterizam pela sobriedade e pelo apuro artesanal. Desde a Perspectiva, onde começou, aos 20 anos, um "semianalfabeto" acolhido por Jacó Guinsburg, passando pela Edusp, para onde foi convidado pelo professor João Alexandre Barbosa, até a Ateliê, sua editora familiar, em que já publicou 700 títulos. As editoras onde trabalhou acumulam dezenas de prêmios literários; ao sair da Edusp, legou à USP a melhor editora universitária do país, com 80 Jabutis na bagagem. Uma trajetória e tanto para este sofisticado capiau nascido no interior de Tocantins, filho de agricultores que nunca teve nenhum livro em casa e só foi calçar sapatos aos 12 anos.

Eu já o conhecia de outros carnavais: em 1999, a Com-Arte, editora do curso de Editoração da USP criada por ele, publicou meu primeiro livro, Os infernos possíveis. Foi portanto como um papo entre compadres que esta conversa fluiu — com direito a indiretas, diretas e várias cutucadas no mundinho editorial —, na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, onde hoje Martins dá expediente. Algumas horas depois, já no café, o editor era comunicado que seu fundamental Manual de editoração e estilo havia vencido o Jabuti. Mais um para a coleção deste sujeito que adora publicar livros, e, principalmente, livros sobre livros.

Depois de tanto tempo na Edusp, por que sair?

Saí por causa dessas coisas... no mundo hoje tudo ficou muito politizado. E quando tem uma eleição, os caras loteiam os cargos. Uma professora que vai para o seu lugar sem nunca ter sido editora... é algo político. É lógico que se espera que um editor dirija uma editora. Sobrevivi a seis reitores, menos a este. Apesar de ser um cargo político, sempre foi considerado um cargo técnico. Devo ser o único dirigente que ficou tanto tempo no cargo na USP: quase 26 anos. Tanto foi algo político que ninguém me ligou avisando. O chefe de gabinete só me comunicou que eu sairia: "Sua exoneração como presidente vai ser publicada amanhã no DO", disseram. Numa boa, saí, espero que não destruam. Continuo funcionário da USP, meu salário é igual, então segui para a ECA, para a Com-Arte. Sou funcionário da USP e professor: cumpro 12 horas como professor e 40 como funcionário.

Com essa saída abrupta, sente que deixou algo por fazer na Edusp?

Exercer a presidência da Edusp era uma designação dos pró-reitores. Nunca pretendi ser eterno, mas a ideia era criar e estabelecer uma editora aqui, um desafio que tive a chance de realizar. Entrei em 1989. Até então a Edusp não publicava nada, só financiava livros de editoras particulares. Editei 1600 títulos nesta fase. Hoje a editora tem autosuficiência financeira, não depende de investimento da reitoria, toda renda industrial é reinvestida nela mesma.

E como está sendo recomeçar a carreira aqui na Biblioteca Mindlin?

Estou à frente das publicações da Biblioteca Brasiliana Mindlin desde março de 2016, chamado pelo ex-reitor Jacques Marcovitch, que faz parte do conselho da biblioteca. Sigo fazendo o que gosto: livros sobre livros. Editamos o Manual do aprendiz do bibliófilo, estou criando uma revista, e também transformando a Com-Arte em editora profissional.

De onde vem sua paixão pelos livros?

Nasci goiano, mas mudaram o Estado então agora sou tocantinense (risos). Nasci em uma cidade chamada Pium, que quer dizer "borrachudo". Era um lugar bem pobre. Meu pai era vaqueiro. Eu tinha sete irmãos. Fui o primeiro a estudar e chegar à universidade. Lembro que a primeira vez que fui à escola foi um dia feliz. Pobre não sonha: sobrevive. Minha irmã me ajudou muito, tanto em Porto Nacional quanto em Goiânia e Ceres, quando eu morava com ela. Eu não tenho apego à família, porque só conheço dos meus pais pra cá — meus avós vieram do Maranhão. Foi minha irmã quem me tirou de Tocantins. Será que se eu fosse para outra empresa eu teria sido outra coisa?

Como chegou à Perspectiva?

Por acaso: quando vim a São Paulo, meu irmão já trabalhava lá, no depósito, e ele me arranjou um emprego. Tinha 20 anos. Comecei morando na zona leste e estudava na Vila Mariana, chegava em casa já na hora de sair (risos). Depois morei num cortiço na alameda Santos. Na hora do almoço tinha curiosidade em ver como faziam livro. Vim de um meio sem a mínima formação intelectual, mas era fascinado por aquele mundo. Eu não lia nada. Era um analfabeto funcional, com 20 anos não tinha terminado o colégio. O único livro em casa era a Bíblia, que servia para colocar o dinheiro dentro, porque roubar o dinheiro da Bíblia era pecado (risos).

Então foi difícil esse começo...

O Jacó Guinsburg, por ser migrante, aceitava migrantes em sua editora. Tinha nordestino, gente do Centro-Oeste, judeus-europeus, era uma curva de rio sujo. Em 1971 ainda havia a seção de revisão, que já era uma escola. Comecei ali. Mal sabia ler. Às vezes eu passava um dia todo lendo uma página. Me sentia muito ignorante. Aí entra aquele orgulho em não voltar, típico do migrante. Fiquei com o Jacó durante 10 anos. Quando acabaram com os departamentos de revisão e vendas, ficamos só eu e ele. Aprendi a conhecer composição de tipos, processos gráficos. Me especializei então na produção, onde fiquei durante 18 anos. Jacó é um professor por excelência, então quando eu não queria trabalhar, enganava ele fazendo uma pergunta e ele passava a manhã falando (risos).

Mas depois você teve uma formação acadêmica.

Fiz um curso de psicologia clínica na Faculdade Paulistana. Mas quando vi que os custos para abrir um consultório eram altos, doei todos os livros e resolvi me dedicar à edição. Com >>>

OS EDITORES | PLÍNIO MARTINS

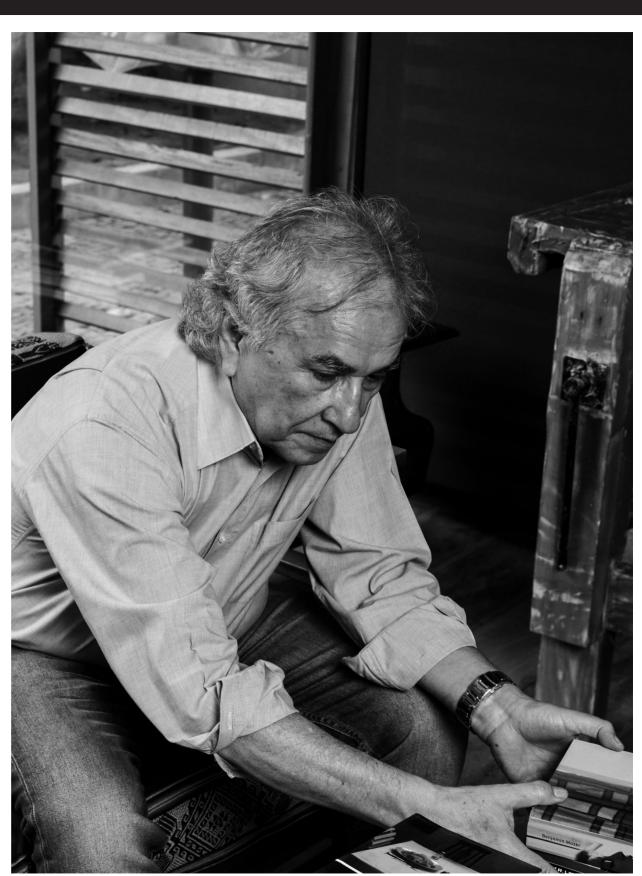
os contatos que fiz com os professores da USP, através da Perspectiva, o Jacó me sugeriu fazer uma pós-graduação. O curso de editoração na época era todo teórico. Então a professora Jerusa começou a me convidar a dar palestras, em 1986 — a editoração existia desde 1973. Resolvi fazer um mestrado sobre a Edusp, quando o João Alexandre Barbosa me chamou para trabalhar lá. Então comecei a dar aula e a estudar de fato o livro. Jacó ficou doente quando saí! A Gita me ligava e eu ia duas vezes por semana só pra conversar com ele. Mas ele tem tamanha grandeza que nunca me cobrou, sempre me ajudou.

O Jacó é outro sujeito loucopor livros que falam de livros.

São os editores quem decidem o que as pessoas vão ler. Por isso na Com-Arte começamos a coleção Editando o Editor, com depoimentos de editores como Ênio da Silveira, etc. Temos de cordel a Zahar, o Jiro Takahashi vai ser o décimo número da coleção. O projeto era da Marina Watanabe, que fez a maioria dos projetos da Edusp. Talvez eu seja o editor que mais publicou livros sobre livros no Brasil — uma compensação por eu não ter uma formação de editor. Hoje ninguém pode reclamar que não existe uma bibliografia sobre o assunto, como na época em que comecei. Minha biblioteca hoje é basicamente de livros sobre livros. Construí uma biblioteca fora da minha casa. Ficou linda. Deve ter uns 10 mil livros e um terco é de livros sobre livros. Tem também todos os livros que eu editei na Edusp, na Com-Arte, na Perspectiva e livros de trabalho, como os grandes clássicos universais.

Como era trabalhar na Perspectiva?

A Perspectiva tinha um conselho que era o top do top. Antonio Candido, irmãos Campos [Haroldo e Augusto], Paulo Emílio Sales Gomes, Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld, Boris Schnaiderman, Teixeira Coelho... Um dia chegou o livo *Três mulheres de três PPPs* na minha mão, fiquei fascinado e disse ao Paulo Emílio. Ele recebeu meu elogio todo humilde; nunca me esqueço. Meu principal contato era o João Alexandre Barbosa, que eu editava na Perspectiva. Quando ele foi convidado pelo então reitor José Goldenberg para fundar a editora, me chamou. Tive de ir a um cardiologista, pois achava que não ia aguentar. Começamos a Edusp do zero. Foi uma briga enorme, você não tem ideia! Ninguém queria essa editora. Antes, a Edusp era uma mera



agência de financiamento de editoras particulares, dominada por um grupo de pró-reitores. Um exemplo do patrimonialismo brasileiro, da pilhagem do Estado. João Alexandre denunciou a corrupção que havia. O Goldenberg nos dava muito apoio. Também comecei a trabalhar com alunos. Por isso todas as coleções foram criadas pela Marina Mayumi Watanabe, ex-aluna da ECA. Depois de um tempo renunciamos ao orçamento da USP para ter maior liberdade editorial, desde que a gente pudesse usar a renda industrial. E é até hoje assim, daí a Edusp ser uma editora autossuficiente. Tudo o que você vende, volta para o caixa da Edusp. Antes não havia autonomia. Hoje há um retrocesso.

O retrocesso é geral, não?

As editoras universitárias tiveram seu auge cinco anos atrás. UFMG, UFRJ, todas elas foram grandes nos anos 2000. Hoje, todas as editoras de universidades estão afundando — a primeira foi a da UnB. Tínhamos estandes incríveis nas feiras pelo mundo, porque recebíamos muito apoio. Por dois anos seguidos ganhamos prêmios de uma feira no México como o melhor estande. As editoras universitárias tinham muita visibilidade. Da Unicamp, saiu o Paulo Franchetti, começou a afundar. Em Minas, tiraram o editor, começou a afundar. Agora começaram a falar que fazíamos livros caros e que querem fazer livros digitais, o que é uma piada. A única política da atual gestão é de fazer livros didáticos, o que é um retrocesso. A Edusp tem 20 pessoas na área editorial. Na comercial tem 40 pessoas. Por mim, deixaria só o editorial.

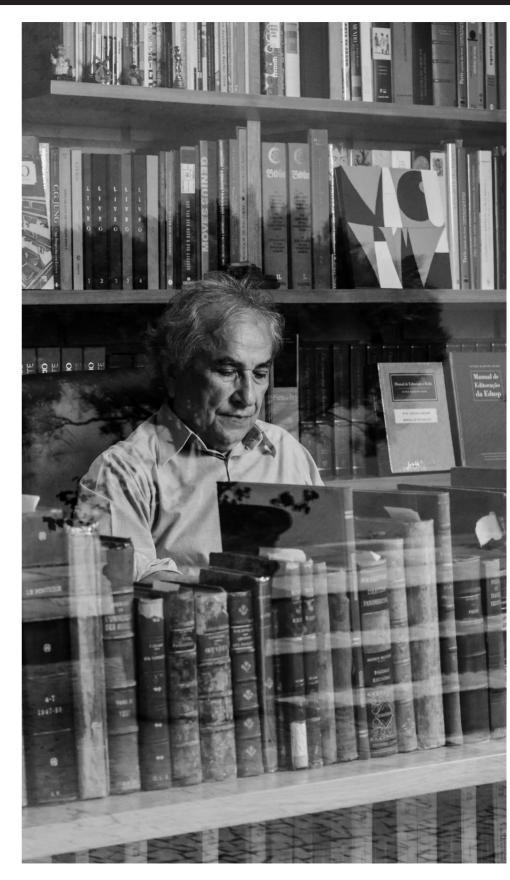
Por conta dos entraves burocráticos,

das hierarquias e das tecnicalidades dos concursos, ter carreira de sucesso dentro do serviço público não deve ser fácil.

Olha, eu sou um workaholic obsessivo. Me dediquei a editar 24 horas por dia. Sempre fui o primeiro a chegar e o último a sair. Fui presidente logo depois que saiu o Sergio Miceli. Pedi pra que mudassem o estatuto: o presidente da Edusp seria o presidente da comissão. Tem o presidente da editora e o diretor-executivo. Na comissão entrou o Mindlin, como o presidente da comissão editorial, que defendia muito a editora. Ele escolhia os livros e eu os editava. Era um processo mais democrático. Com a saída do Mindlin, a comissão editorial passou a escolher os livros. Acabei com os financiamentos de co-edição. A partir daí, dividíamos as tiragens, mas só para viabilizar os livros.

Como fundou a Ateliê?

Minha mulher, Vera Lúcia Belluzzo, trabalhava com publicidade. Quando vieram os filhos, pensamos em um negócio familiar. Os meninos estavam entrando na adolescência, um queria fazer arquitetura e o outro jornalismo. Meu filho Gustavo chegou a fazer sete livros, foi o mais jovem autor brasileiro, publicou com sete anos. Chamei um outro aluno e criamos a editora, que ficava na Vila Mariana. Eu precisava fazer uma terceira via, depois da Perspectiva e da Edusp. Fizemos 700 títulos em 20 anos. É sempre bom ter muita experiência, não fazer as coisas correndo. Editora tem que ter catálogo, não pode ter poucos livros. No fundo, hoje, a editora é da minha mulher. Fazemos 30 livros por ano, já fizemos 50. Essa é a crise mais duradoura de todas.



OS EDITORES | PLÍNIO MARTINS

Comente a afirmação: "Livro no Brasil é caro".

Existe uma relação clara entre poder aquisitivo e venda de livro. Na época do Plano Real a gente tinha que entrar na fila das gráficas tal era a demanda. A primeira coisa que as pessoas cortam numa crise é a cultura. Com a crise, as livrarias não pagam... em 2016 a Livraria Cultura estava negociando dívidas para 2018! Como negócio, o livro talvez seja um dos piores do mundo. Não há produto mais difícil de vender. As tiragens são baixas, os livros são caros, o povo não lê. Uma edição de 2 mil exemplares de Os sertões custa 60 mil reais, o preço de um carro. Só que você não recebe esse dinheiro antes de seis meses, ao contrário de um carro. Na cadeia do livro o único agente que se compromete a pagar as contas é o editor. A livraria só devolve 90 dias depois, em consignação. É um negócio que só dá certo a longo prazo. Se o sujeito for obsessivo para ganhar dinheiro, consegue — o José Olympio não soube ganhar dinheiro, mas seus filhos, que criaram a Sextante, sabem ganhar dinheiro. O difícil é fazer o balanço entre a cultura e o negócio. O Jacó foi o primeiro a receber os originais de O nome da rosa, que custava 1.500 dólares. Ele disse: "Não é minha área, não é ficção". Como negociante, pode ter comido bola, mas como editor, mostrou coerência. Agora, voltando à sua pergunta, o livro brasileiro não é caro — isso é desculpa de quem não compra livro. Vai comprar lá fora! Na França, nos EUA, em Portugal, na Alemanha, na Argentina, é sempre mais caro. A diferença é que lá eles têm hábito de leitura.

A Ateliê faz livros bem artesanais, não?

O primeiro livro da Ateliê foi *O mistério do leão Rampante*, do Rodrigo Lacerda, que trabalhava comigo na época. Levei o livro para casa, deixei em cima da mesa da cozinha, horas depois minha mulher vem dizer: que livro é aquele, tão bom? O livro foi um sucesso, ganhou Jabuti, etc. Esse livro tem um significado afetivo muito grande. Sim, sempre gostei de uma coisa mais artesanal. E gosto desse foco de livros sobre livros. Na coleção Arte do Livro, estou fazendo um livro sobre capas de livros brasileiros do século XIX a 1950, já fiz um com as capas do Santa Rosa, fiz um só com as capas do Eugênio Hirsch... estou fazendo também um livro sobre os mais de mil livros editados pelo Massao Ohno, com projeto gráfico do Gustavo Piqueira, que é hoje o meu designer favorito. Tem muito público para livros sobre livros.

O que te diz o que é um bom texto literário?

Sempre me cerquei de bons conselheiros. Na área de litera-

São os editores quem decidem o que as pessoas vão ler."

tura, era o Ivan Teixeira quem me dizia o que é um bom texto literário. Nunca faço o julgamento definitivo, preciso de outras pessoas, gosto de pareceristas, especialistas. Marcelino Freire foi um caso típico: quem me trouxe foi o João Alexandre.

Que livros quis mas não conseguiu publicar?

Dois livros que não consegui publicar foram o *História da leitura*, do Alberto Manguel, que me foi indicado pelo João Alexandre, mas a Companhia das Letras pegou, e *Elementos do estilo tipográfico*, que a Cosac pegou. Mas são frustraçõezinhas. Eu faço o possível.

O que acha do e-book?

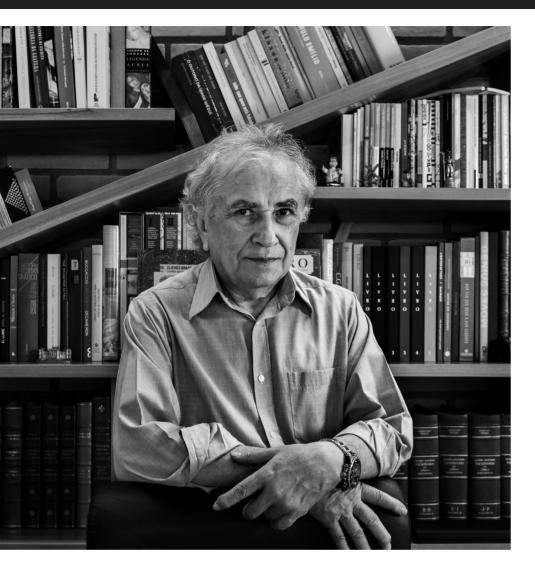
Você não deseja o que você não vê. E o livro digital você não vê. Daí eu entender o seu relativo insucesso. Como Eco dizia, depois da roda, do garfo e do livro, não há o que reinventar. O livro impresso você toca, você vê, você deseja. Nas teses de universidade, dificilmente alguém cita um livro digital, bem como sites e páginas. Eu acho que quem vende livro digital quer vender os suportes que vêm atrás, o *e-reader*, o celular, etc, e não o livro. Novas tendências vão existir, mas livros ficarão.

Que acha do preço fixo?

Não funciona no Brasil. Vai proteger os grandes, não os pequenos. Não acho que seja uma solução. Acho que deveria haver é uma política de hábitos de leitura, estimulada pelo Estado. Porque mesmo que sejam oferecidos livros



baratinhos, sem o hábito de leitura, ele não será vendido. Quem acabou com as livrarias foi o próprio governo. Quando o governo começou a comprar livros, as livrarias foram fechando, porque ninguém mais ia. Outro ponto é que o correio é muito caro e ineficiente. Segundo a Unesco, o ideal seria ter uma livraria a cada 50 mil habitantes — veja o déficit do Brasil. O livro de bolso é um apelo marqueteiro, porque não cabe nem no bolso, nem no formato. Nos EUA, o paperback é muito mais barato. Na França as pessoas não tem o fetiche do objeto, então pega qualquer edição e lê.



Desenvolvi, ao lado do Plínio Coelho e do Manuel da Costa Pinto, um projeto chamado Escrínio, que custava R\$ 3,70 o livro, faz uns 10 anos. Machado, Dostoiévski, etc, para vender em banca de jornal. Mas a distribuidora pediu uma campanha massiva de mídia, as gráficas reclamaram por causa do preço, e a livraria reclamava que o livro barato não pagava a nota. Ou seja, no Brasil a cadeia distributiva não se interessa pelo livro barato. O fetiche é outro problema. A ditadura do design pode matar o livro. Veja o caso da Cosac Naify. Você só ganha dinheiro com livro em alta ti-

ragem. Agora estou de olho na Carambaia e na Ubu. Como vão sobreviver? Tudo bem, gostam de fazer, façam. Mas para ir longe tem de ter um olho no negócio. O retorno do livo é muito baixo. Você ganha com altas tiragens e grandes catálogos, é a cauda longa. A Amazon ganha dinheiro com o catálogo infinito que ela tem.

Não seria uma boa o Estado cortar as asinhas da Amazon, como em outros

Se tivéssemos livreiros honestos, até defenderia a queda da Amazon (risos). A Livraria Cultura usou meu dinheiro para investir e não pagou o que me deve. Como defender? Já a Amazon pagaporque ela não pega livro em consignação. A Cultura começou a degringolar quando passou a demitir livreiros e a usar a consignação. Mas há livrarias sustentáveis, como a Martins Fontes, que só vende livro. A Livraria da Vila é meio mal administrada, nem eles sabem o que venderam. A última vez que estive na França fui a um centro de pesquisa de livro, que tem seu próprio jornal falando de lançamentos, eles têm um sistema online ligado a livrarias e editoras. Aqui não dá para ter certeza sobre os números dos livros vendidos... eu não confio nessas listas de mais vendidos, você confia?

Papel e correio são outros problemas...

Livreiros e editores deveriam lutar para abaixar as taxas pagas aos correios pelo envio dos livros. Aqui, dependendo de para onde você manda o livro no Nordeste, tem de fazer seguro. Para Portugal é uma burocracia danada: se não provar que é um livro, o livro não entra, tem que passar por um processo de "desalfandegação". Quanto ao papel, eu preferia que as indústrias pagassem imposto sobre o papel da linha branca, que hoje é imune. Porque as indústrias papeleiras exportam o papel bom e deixam aqui o ruim. Quem se beneficia é a indústria de papel, e não a do livro.

Qual o livro que mais te fez a cabeça?

Gosto muito d'O livro disso, de Georg Groddeck, um precursor do Freud, que é sobre o inconsciente. Foi a melhor terapia que já fiz sobre autoconhecimento. Consigo conversar comigo mesmo por causa desse livro. Fui lembrando de como, na infância, meus dedos estavam sempre cortados. Eu vivia chupando os dedos, porque sempre cortava os dedos. Só parei com isso quando quebrei o braço caindo de um cavalo. Ou seja, era algo inconsciente. Eu vivia me cortando, era um selvagem. Só fui calçar sapatos com 12 anos, só andava de salgabunda, o precursor das havaianas, que quando acabava o cachorro comia (risos).

Acredita em sorte?

Sorte a gente faz. Cair no lugar certo, com as pessoas certas, ter boas amizades. Minha sorte foi trabalhar com uma pessoa culta e generosa como o Jacó. O acaso me levou. Sobrevivi e estou feliz com o que faço. Tenho muitos amigos e desprezo os inimigos, pois os desconheço. É isso.

FICÇÃO | RAFA CAMPOS

asci duas vezes, como vocês sabem. A primeira no estábulo de um vizinho da minha família, cercado de animais e suas fezes, observado atentamente por todos os homens da aldeia, que respiraram aliviados quando viram que eu não parecia especificamente com nenhum deles. Pela época, o Imperador Augusto transformava Roma na Roma histórica que todos também conhecemos.

A segunda vez foi quando o decurião Pantera, alistado sob a batuta do governador Herodes, contaminou-me com o vírus intergalático que corria em suas veias, transformando-me no mais célebre dos Upirs, conhecidos por vocês como vampiros, da História.

Tudo bem, alguns de vocês, idólatras, vão dizer que Drácula, o Dragão, é o mais famoso dos Vampiros, e eu, sempre magnânimo, os perdoo, apesar de não poupá-los de uma breve correção.

Em primeiro lugar, Drácula nunca foi um vampiro de verdade. É uma lenda, como a democracia brasileira depois do golpe de 2016. Ele era, isso sim, um devoto fervoroso das Escrituras, e — como infelizmente aconteceu milhares de vezes em meu nome — um homicida intolerante, racista e celerado.

Bom, sobre as Escrituras gostaria também de lançar alguns esclarecimentos. A parte mais instruída de vocês sabe que o Novo Testamento é resultado da versão latina de coletâneas gregas. Tem muito do idealismo helênico naqueles textos e eu garanto que esse idealismo tem tanto a ver comigo quanto os deputados evangélicos se baseiam na doutrina cristã.

São Jerônimo, o sujeito responsável pela proeza de obscurantismo dos quatro livros, deve ser um dos sujeitos mais malucos que tive o desprazer de encontrar em todas as minhas vidas, recentes e da antiguidade. Não que eu deteste malucos, pelo contrário. João, aquela fina flor de poesia esotérica — e a melhor chupeta ao norte do Rio Jordão, diga-se de passagem — era um maluco inconteste, e um sujeito apaixonante. Meu único amor sodomita, cá para nós.

Mas Jerônimo era diferente. Pretensioso, soberbo e ultrajante. Tinha muito talento, antes de evitar as mulheres, e secar sua cachola em um deserto inóspito mastigando raízes venenosas, mas suas intenções sempre foram nebulosas, para se dizer o mínimo.

Quando eu conheci o velho, já de posse da totalidade de minhas habilidades e cercado por meia dúzia de amigos intergaláticos, Jerônimo, que pela primeira vez via algo que não existia somente em sua cabeça, recusou-se a acreditar. Disse que eu, euzinho, Yeshua, o Jesus Cristo, Salvador e Redentor da Humanidade, não passava de uma maquinação do Diabo!





Bom, Satã realmente estava do meu lado, vestindo somente uma túnica aborígene australiana, com seus cabelos brancos revoltos ao vento do deserto, mas é lógico que Jerônimo não o reconheceu, confundindo-o com Papi, que estava logo atrás. Bom, Papi estava uns cem metros atrás, mas com aquele tamanho todo, a perspectiva acaba pregando umas peças, e o Velho Anacoreta achou que o Criador — ou Deus, como vocês costumam chamar — era o demônio em pessoa.

Vocês devem ter ouvido muitas coisas sobre o meu pai cósmico, a criatura que havia transformado o decurião Pantera em um vampiro que, por sua vez, me transformou. Bom, ele seria meu avô, por essa genealogia, mas costumávamos chamá-lo de Papi, e ele parecia gostar, apesar de ser difícil interpretar as expressões faciais de um caprino metálico de trinta metros de altura.

O que eu posso dizer sobre Deus? Bom, pra começar, Deus é mesmo um cara extraordinário, e não estou me referindo ao número de braços ou a cauda de escorpião do tamanho de uma locomotiva.

Não, ele é extraordinário porque simplesmente não faz nada, deixando tudo acontecer ao sabor das tempestades solares e buracos negros por esse multiverso afora. Poderia terminar com guerras planetárias somente com um gesto de seus membros titânicos, mas prefere, como o escrivão de Melville, não fazer nada. De qualquer forma, as poucas vezes que Papi interferiu todos os envolvidos morreram, ou ficaram loucos — ou ambos — e muitas vezes uma guerra termina melhor do que a aniquilação absoluta da vida planetária.

Bom, voltando às Escrituras, é

realmente uma lástima o que um bando de velhos eruditos misóginos e racistas conseguem fazer com uma mensagem que era legal, quando eu — com a ajuda inestimável de Pantera e João Batista escrevemos, lá pelo reinado de Tibério.

Em primeiro lugar, você só "dá a outra face" devidamente trabalhando no bondage e no chicotinho de pelo de camelo, com o corpo devidamente untado de esperma de touro macedônio. Que foi? Achou que na Galileia não tinha sacanagem? E só porque a gente era perifa não podia se divertir?

Em segundo lugar, o amai os outros como a si mesmo era uma liberação à putaria generalizada com direito a exibicionismo masturbatório. Se falando já parece bom, imagine se você é um vampiro indestrutível e pansexual, cercado por quarenta exemplares de todas as raças do Mediterrâneo se fodendo em todos os buracos. Minha Palavra até sobe, só de lembrar.

Enfim, redijo essa missiva com uma mensagem: Matem todos os juízes de primeira e segunda instância de sua cidade, estado e, se possível, país. Foi um puto desses que mandou me espancarem por horas a fio, me espetarem em uma cruz e me trespassarem com uma lança. Não fossem meus poderes vampíricos de cura, Papi teria vindo dar cabo de todos. Por isso eu digo; ou a humanidade ou os juízes, vocês escolhem. ■

🖳 **Rafa Campos** nasceu em São Paulo (SP), em 1970, onde vive. Começou a publicar quadrinhos aos 40 anos, nos jornais Folha de S.Paulo e **Cândido**. Também é colaborador das revistas piauí, Grafitte e Samba. Tem seis livros publicados: Deus, essa gostosa (2012), Magda (2016), O golpe de 64 (2014, em pareceria com Oscar Pilagallo), Lobas (2016), Velhinhos asquerosos (2015) e O poder do pensamento negativo (2015). Publica a série "Os Bodes", no site Nocaute e no caderno "Ilustríssima", da Folha de S.Paulo. O texto publicado nesta edição é parte do novo romance do escritor, JC, O vampiro, que será publicado este ano pela editora Veneta.

MEMÓRIA LITERÁRIA

Corpo poético em permanente movimento

Os sete livros, as dezenas de canções, a lembrança do artista e agitador cultural Waly Salomão, morto há 15 anos, repercutem entre estudiosos e poetas brasileiros

MARCIO RENATO DOS SANTOS

aly Salomão, morto há 15 anos, não deixou livros inéditos. "Ele não 'engavetava' textos. Produzia e, em seguida, publicava", conta Omar Salomão, 35 anos, também poeta e filho de Waly. No entanto, há dezenas de cadernos com anotações, conteúdo que deve ser publicado, possivelmente por meio de algum edital, após estudo e catalogação. Omar comenta que a Companhia das Letras, que viabilizou Poesia total (2014), vai editar um livro reunindo textos de seu pai relacionados a viagens. Mas para a efeméride, 15 anos da partida do artista, não há publicações ou evento previstos.

O professor da Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Italo Moriconi analisa que a presença de Salomão ainda se fará sentir por muito tempo nos círculos da literatura e da cultura. "Sua poesia completa permanece à espera de releituras atualizadoras e sua biografia é fundamental para entender a história de uma geração que passou pela contracultura em plena ditadura e terminou, na maturidade, envolvida na redemocratização do país", afirma Moriconi, também poeta e curador literário.

Professor na Universidade de Brasília (UnB), Augusto Rodrigues da Silva Junior observa que fragmentos da obra de Salomão podem e são compartilhados nas redes sociais. "À primeira vista, pode parecer que a obra





dele foi feita meio ao acaso. Mas a realidade é outra. Salomão pensou e articulou sua produção a partir de muito trabalho. Desde a década de 1970, ele se movimentou, antecipando linguagens plurais", comenta Silva Junior.

Já o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Fred Coelho considera que o legado de Salomão é a sua poesia — como um todo. "Seu compromisso radical com as formas poéticas de todas as épocas, com a produção poética do seu tempo e com a permanente expansão dessa produção em todas as frentes possíveis — do livro à canção, do vídeo à performance", teoriza, definindo Salomão e seu legado em uma frase: "Um corpo poético em permanente movimento".

Vereda peculiar

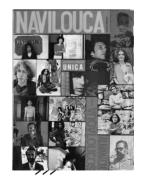
Salomão nasceu em Jequié (BA), em 1943, e fez a vida no Rio de Janeiro. Agitador cultural, dirigiu espetáculos musicais, de Gal Costa a Cássia Eller, editou em parceria com Torquato Neto a lendária revista Navilouca (1974) e, entre outras atividades, foi secretário do Livro e Leitura durante a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura — uma de sua propostas, até hoje não implementadas, foi a de incluir um exemplar de um livro em cada cesta básica.

Em 1972, publicou — apresentando-se como Waly Sailormoon — seu primeiro livro, Me segura q'eu vou dar um troço. Naquele contexto, dialogava com o grupo baiano que elaborou o Tropicalismo. De acordo com Fred Coelho, da PUC-Rio, no início de seu percurso, Salomão também se conectava ao chamado paideuma concreto, ou seja, era leitor de autores propostos pelos irmãos



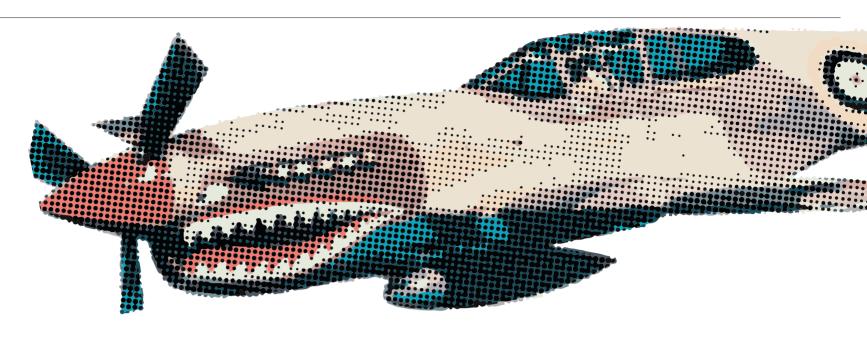






Me segura qu'eu vou dar um troço (1972), Gigolô de bibelôs (1983) e Poesia total (2014), livros de Waly Salomão, e Navilouca (1974), revista editada pelo poeta em parceria com Torquato Neto.

MEMÓRIA LITERÁRIA



A memória é uma ilha de edição"

Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari: Mallarmé, Cummings, Ezra Pound, Joyce, além da poesia moderna brasileira, em especial Oswald de Andrade, Drummond (de livros como *Claro enigma*) e João Cabral de Melo Neto.

No início dos anos 1970, explica Fred Coelho, a interlocução de Salomão com Hélio Oiticica, Torquato Neto, Jards Macalé e Gal Costa o deslocam para o que, na época, se chamava de cultura marginal, isto é: a face brasileira do debate internacional da contracultura. "Esse registro à margem o acompanha, mesmo contra sua vontade, ao longo dos anos 1970", completa.

A partir da década 1980, Salomão conquista espaço próprio, independentemente de escolas ou movimentos. "Torna-se um poeta maduro em diálogo com diferentes universos de referência, de Gregório de Mattos a Joan Brossa, por exemplo", acrescenta o professor da PUC-Rio. O artista publicou, ao todo, 7 títulos, entre os quais *Gigolô de bibelôs* (1983) e *Armarinho de miudezas* (1993). "Era um leitor voraz tanto de poesia quanto do pensamento crítico de sua geração, como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault, Herbert Marcuse, etc. A partir disso, elaborou uma dicção de poeta-pensador muito própria e intransferível", pontua Coelho.

Investigador da linguagem

A potência e variedade de temas da poesia de Salomão podem ser percebidas ao conferir, ao acaso, qualquer um de seus livros. Em *Algaravias: câmara de ecos* (1996), o primeiro verso do poema "Carta aberta a John Ashbery" traz uma das máximas do autor: "A memória é uma ilha de edição". "Poema jet-lagged", do mesmo livro, tem um desfecho memorável: "Escrever é se vingar da perda./ Embora o material tenha se derretido todo,/ igual queijo fundido".

Fred Coelho observa que Salomão escreveu sobre temas que o "atravessaram" ao longo de sua trajetória. "Certamente ele não escreveu sobre muitas coisas, mas o que escreveu ilumina tudo que estava fora desse escopo. Não são os temas que formam seu trabalho, mas sim a forma como se 'fala' dos temas", afirma, completando que, como poeta, Salomão sempre estava co-

mentando o mundo de uma perspectiva pessoal e universal.

Augusto Rodrigues da Silva Junior conta que seus alunos, na UnB, ficam encantados com as possibilidades dos poemas de Salomão, "principalmente pela 'contorção' que ele faz com as palavras e pela oralidade de sua poesia". Em diálogo com Silva Junior, Italo Moriconi acrescenta que a poética de Salomão tem tudo a ver com a questão da oralidade: "Mas ela precisa ser também reavaliada para além desse fascínio ou sortilégio que a envolve".

Moriconi chama atenção para o que, em seu entendimento, guiava artisticamente Salomão: liberdade e sinceridade, mas, salienta, o artista não negava o papel das máscaras e convenções sociais: "Pitadas de escândalo. A presença de Waly era um pequeno escândalo sempre. Um escândalo estimulante e gregário".

Já Fred Coelho faz uma pergunta: há uma busca artística necessária para além do embate permanente com a linguagem? Ele mesmo responde: "Escrever poesia não traz planos prévios ou perspectivas gerais e estratégicas. Muitas vezes o poeta apenas é. O poeta não sabe fazer outra coisa, não busca nada além do verso impecável, da palavra certa, da imagem precisa que aspira quando pensa o poema", argumenta o >>>

POESIA, PSICANÁLISE E UTOPIA: UMA IMENSIDÃO

Integrante da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), a psicanalista Joana Horst estudou a obra de Salomão entre março de 2009 e abril de 2011, o que resultou na dissertação de mestrado "Waly Salomão: do fóssil ao míssil — poesia, psicanálise e utopia", defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

"A obra de Waly é vasta, vastíssima", diz a psicanalista. Ela afirma que em cada texto, verso, poema, prosa, ensaio e nos babilaques (fusão de textos, imagens e objetos, também descritos como "performance--poético-visual") do autor há uma imensidão. "Tanto que a cada nova leitura, é possível descobrir novas esquinas, novas encruzilhadas e novos sentidos. Foi justamente isso que me fisgou: a multiplicidade de sua obra, construída a partir de um elevado grau de experimentação poética", comenta



MEMÓRIA LITERÁRIA

Escrever é se vingar da perda"

especialista da PUC-Rio, enfatizando que Salomão era guiado, artisticamente, pela investigação permanente da linguagem poética.

O mel do melhor

Italo Moriconi analisa que os 7 livros de Salomão se encadeiam e constituem, em conjunto, "um grande poemão". Augusto Rodrigues da Silva Junior tem o mesmo entendimento que o professor da UERJ, e ressalta que o poeta tinha plena consciência de seu trabalho, "que possui coerência interna, mas sempre se atualizava a cada nova obra".

Fred Coelho observa que toda obra é única em sua singularidade (escrita em determinados tempo e espaço) e é uma continuidade se a atrelarmos a uma trajetória biográfica: "Sem dúvida, temas se repetem, poemas de épocas diferentes são retrabalhados, porém sem a obrigação de uma continuidade acumulativa".

Augusto Rodrigues da Silva Junior salienta que Salomão, além de fragmentar alguns de seus textos, também se "fragmentou" produzindo em variadas frentes, entre as quais a canção popular. Ele é autor, em parceria com Jards Macalé, de "Vapor barato", um clássico brasileiro, já gravado, entre outros, por Gal Costa e pela banda O Rappa: "Sim, eu estou tão cansado/ Mas não pra dizer/ Que eu não acredito mais em você/ Com minhas calças vermelhas/ Meu casaco de general/ Cheio de anéis/ Eu vou descendo por todas as ruas".





Gilberto Gil, Itamar Assumpção, João Bosco e Morais Moreira são alguns dos parceiros de Salomão, além de Lulu Santos, com quem o poeta divide a autoria de "Assaltaram a gramática", canção gravada pelos Paralamas do Sucesso: "O poeta é a pimenta/ do planeta!/ (Malagueta!)".

Severino, de 1994, o sétimo álbum de estúdio dos Paralamas do Sucesso, tem uma canção, "Cagaço", parceria de Herbert Vianna e Bi Ribeiro, que traz na letra ecos da poética do artista e menciona nominalmente Salomão: "Esconde os dentes, segura a pancada/ Abaixa o queixo pra salvar o nariz/ Atropelado, atabalhoado/ Bateu de frente com o trem social/ Seguiu adiante, deixando os pedaços/ Como a poesia de Waly Salomão".

Augusto Rodrigues da Silva Junior analisa que o impacto do legado de Salomão é imenso, e cita Arnando Antunes e Adriana Calcanhotto como artistas que dialogam com o autor morto há 15 anos. Italo Moriconi não percebe, entre os contemporâneos, um interesse pela obra do autor de, entre outros títulos, Lábia (1998) e Tarifa de embarque (2000). "Acho que ele pode ser retomado agora, por aqueles que estão se interessando por uma reapropriação do tropicalismo, da contracultura e da africanidade brasileira", sugere o professor da UERJ.

Já Fred Coelho tem a impressão de que todos os jovens poetas brasileiros dialogam com a obra de Salomão. "Mas não ter visto Waly falando seus poemas cria uma relação mais distante, vinculada apenas ao livro — o que já é ótimo, mas não dá toda dimensão de sua presença marcante. Ele foi fundamental para a abertura de um espaço específico para o poeta contemporâneo, que se compromete com a poesia de forma radical".

1

POEMAS | RONALDO WERNECK

DIZ-QUE NOÉ DIZ-QUE BACO

vem vinho vem vem alegria vem vem virar a noite em epifania VEM!

diz-que noé na arca trazia toda a animália e assim salvou-se o humano, o não-humano e a alegria.

e não é? nem bem desembarcou

um vinhedo plantou naquele dia e o vinho se fez e noé se embriagou pleno de si em sua epifania

diz-que dionísio

que também é baco salvou o buquê

> e se fez preciso e entornou seu dia em festa e alegria

as uvas as uvas de baco as uvas do dia-a-dia seu gosto seu buquê que sabe a epifania

syrah

shiraz

pinot noir

carmènere

merlot

malbec

chianti

cabernet sauvignon

o vinho e seu visual seu gosto seu aroma dia e noite noite-dia um buquê que é chama

alegre epifania.

QUATRO DA MANHÃ

há ainda restos de noite meia lua que decresce e agoniza no céu da varanda uma lua esquálida pendurada na escuridão

há uma lua que agoniza
e faz-se um véu na noite
e faz frio
e são quatro
da noite-manhã
e faz frio de morte
na antemanhã
e

há um amigo a morrer no claro-escuro da UTI entre apagados sóis lençóis soluços um amigo a morrer e nada mais

há uma lua plantada no céu meia lua que teima em não sumir

há uma manhã que teima

em não nascer

há passos que passam no silêncio da madrugada passos que vão do nada a lugar nenhum

há um medo antigo

da noite de seus mistérios de nada de nada mais

há um frio na noite
onde
faz frio
frio
de morte
e nada e nada e nada mais



sei de sobra/ que nunca terei/ uma obra. sei enfim/ que nada sei/ de mim fernando pessoa

o carro corre a tarde pelo asfalto escorre no alto as imbaúbas acinzentam o mato

no horizonte o céu sobra hoje agora ontem infindo

pelo retrovisor a estrada o espaço atrás o tempo vida vai se esvai indo

atrás do vento o carro corre a cada momento o tempo escorre lento o mundo espaço passa passageiro

palmeiras canaviais eucaliptos cafezais

> tudo verde e mato e morro e tudo o mais

tudo hoje tudo ontem noite-dia aurora tudo junto aqui e agora

o tempo escorre lento o mundo espaço passa passageiro

A LÁGRIMA a paulo fialho, em seu velório

a morte esse cavalo pégaso solto no ar a noite esse halo o corpo o não lugar

no foco um só plongée cavalo alado torto enquadra a cena e vê em decúbito o corpo

corpo o corpo esquálido por mais que a vida chame face amarelo pálido branco branco origami

e como se esculpida a lágrima do morto surge súbito e tímida vida a dobrar em dobro

lágrima esse cristal vida que vem da morte e só dela só se alça solta-se em malasorte

da vida para a morte da morte para a vida a lágrima esculpida vida que estanca a morte

e não escorre a lágrima vã pulsão que se fixa lá para sempre lá vida e morte vívida

não é de malasorte a lágrima da morte antes sopro de vida que jorra esquecida

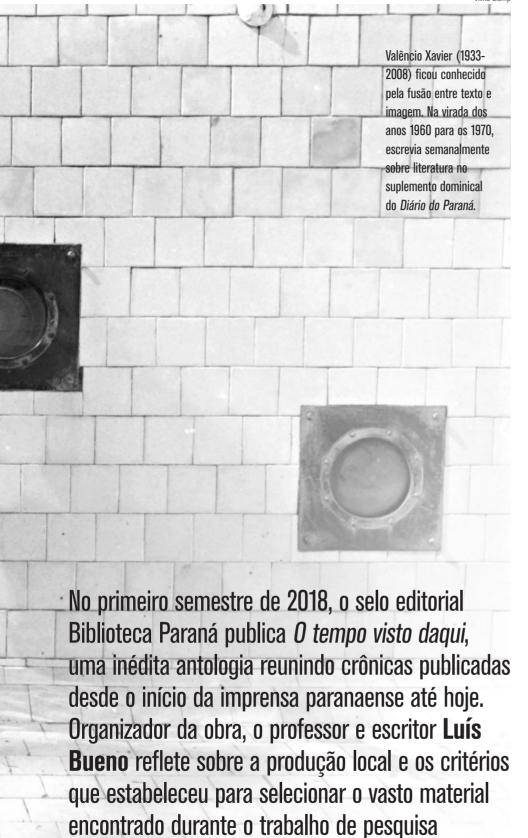
vida a correr da morte esse animal cevado vida esse cavalo a dobra o dobro: corte



Ronaldo Werneck nasceu em Cataguases (MG), em 1943. É poeta, cronista e ensaísta, autor de, entre outros livros, Selva Selvaggia (1973) e Noite americana/ Dorys day by night (2006). Seu mais recente trabalho é Sob o signo do imprevisto (2017), uma biografia alternativa do romancista Rosário Fusco. Os poemas publicados pelo **Cândido** nesta edição fazem parte do novo livro de poemas de Werneck, que será publicado este ano.

CAPA





liquei um instante sem reação diante do convite para organizar uma antologia de textos de cronistas paranaenses, desde o início da imprensa no Estado até o presente, num prazo de alguns meses. Permaneci calado, pensando que seria uma tarefa impossível. Com a experiência que já tinha de pesquisa em jornais e revistas, só me vieram à mente, nesse primeiro momento, as horas virando páginas de que a gente precisa, tantas vezes, para localizar um único texto. Percorrer mais de um século da imprensa do Paraná, ou seja, centenas e centenas de jornais e revistas numa busca mais ou menos cega exigiria um tempo descomunal, de que uma pessoa sozinha não disporia nunca, nem numa vida, quanto mais no espaço de alguns meses.

No instante seguinte, um outro pensamento, esse bem menos ajuizado, me ocorreu: por que não? Uma antologia, afinal de contas, é sempre uma escolha que se faz num universo possível, nunca no universo inteiro. Se todo mundo pensasse que precisaria ler todos os contos, todos os poemas, todas as frases de amor, e assim por diante, para organizar uma antologia, não haveria uma só antologia no mundo. Depois, o organizador de antologias é um pouquinho como o tradutor: toda gente está pronta para apontar seus deslizes — como deixou de fora este ou aquele, tão bons? por que incluiu este outro, tão ruim? — sem pensar na enormidade da tarefa que precisa executar. Enfim, sem uma dose de irresponsabilidade não haveria antologias. No caso específico da crônica, há um agravante quantitativo. Sim, há muitos e muitos poetas, que escreveram muitos e muitos poemas — mas o que dizer dos cronistas? Imagine um único, que tenha publicado, semanalmente, por um

período limitado de dez anos num dado jornal. Só este indivíduo teria produzido mais de quinhentas crônicas! E olhe que eu não sabia, àquela altura, que um artista como Alceu Chichorro publicaria, sob o pseudônimo Eloi de Montalvão, crônicas diárias, durante mais de 30 anos, no jornal O Dia — além de mais uma charge também diária.

Além disso, o jornal, veículo por excelência da crônica, é um tipo complicado de publicação, enraizado que é no cotidiano. O jornal de hoje é vivo, o de ontem é papel de embrulho, o de 50 anos atrás é raridade e história. Já me aconteceram coisas engraçadas ao pesquisar jornais velhos, como, por exemplo, topar com um anúncio de 1934 do mesmo hotel em que estava hospedado, mais de sessenta anos depois, o que significou ver em pleno esplendor, luxuoso, o estabelecimento agora decadente. Ou algo emocionante, até comovente para mim, quando, ao virar as páginas do suplemento dominical do Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, em busca de críticas de romances, topei inesperadamente com o conto "Baleia", de Graciliano Ramos, e ser tomado pela ideia de que uma de minhas leituras mais marcantes, o romance Vidas secas, ainda não existia, mas estava nascendo ali naquele domingo de 1937.

Apesar disso tudo, não me passaram pela cabeça as novas experiências que viveria depois de aceitar o convite, ao percorrer, por exemplo, as páginas de jornais do meu tempo de infância e adolescência — vale dizer os anos 1960. 1970 e 1980 — e ver ressuscitarem nomes, fatos, histórias, enfim, que estavam esquecidos e sentir diretamente, na pele se poderia dizer, essa passagem do cotidiano à memória que a leitura de jornais antigos provoca.

Aqui começo a pôr o carro adiante dos bois, e falo da tarefa em andamento antes de explicar em que termos ela começou. Volto, então, ao momento da falta de juízo, o daquele "por que não?", que acabou vencendo e levando a esta antologia. Afinal, um momento sem juízo se justifica, mas é preciso algum senso para levar uma tarefa dessas até o fim. E esse senso conduziu ao estabelecimento de alguns critérios que chegaram à seleção dos textos que compõem o livro.

Os dois primeiros, básicos, contemplaram o que seria compreendido como "crônica" e o que seria "paranaense".

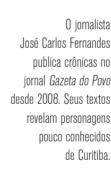
Crônica e paranaense

Definir um gênero literário, seja qual for, principalmente em nosso tempo, não é tarefa simples. Na prática, os gêneros se misturam, se desfiguram, se reconfiguram, se redefinem o tempo todo. Pode poema sem verso? Pode. Pode romance sem ação? Pode. Pode conto de 100 páginas? Pode. E esse poema continua poema, esse romance continua romance, esse conto continua conto? Continuam. Mas na crônica a mistura é ainda mais delirante porque se trata de um gênero híbrido de nascença. Filho ao mesmo tempo do jornalismo e da literatura, nele parece caber tudo. Pode ser texto de opinião, pode ser texto informativo, pode ser texto ficcional, pode ser um texto ficcional de opinião ou um texto informativo de opinião ou um texto ficcional informativo ou ainda qualquer outra coisa. Se uma ilha é terra cercada de água, ou seja, algo isolado por coisas que não são de sua natureza, a crônica é uma espécie de anti-ilha: um gênero cercado de gêneros por todos os lados, comunicando-se com todos e incorporando tudo a partir do olhar dessa

figura curiosa e atenta que é o cronista.

O nó da questão seria, portanto, escolher elementos que servissem como critérios mais estáveis para se considerar que um texto era uma crônica e pudesse ser incluído nesta antologia, mas, ao mesmo tempo, sem que se sufocasse a grande variedade que é a marca do gênero. Afinal, se esta antologia atravessaria mais de 150 anos de produção, era preciso levar em conta as várias formas que o gênero foi assumindo. Há aqui até mesmo textos que a alguns leitores talvez nem parecerão crônicas. E eles poderiam me perguntar, por exemplo, se "A alma do príncipe", de Rocha Pombo, embora publicado num periódico, não seria mais um apólogo ou um conto moral exótico. Eu, por meu turno, poderia responder que a crônica não é totalmente estranha ao apólogo e o fato de ter saído num periódico que publicou crônicas justifica sua presença aqui. Algo semelhante se poderia perguntar sobre o belíssimo texto do poeta e crítico José Paulo Paes, "Nós num começo de vida" (leia na página 28). Embora o autor nunca tenha sido cronista militante, não é difícil localizar aquele olhar pessoal sobre o passado — tão exercitado pelos cronistas quanto o olhar sobre o cotidiano — que nos revela ao mesmo tempo um momento significativo da vida cultural do Paraná e um sujeito que se desenha sutilmente no decorrer do texto enquanto fala dos outros. É um testemunho, e não é por sê-lo que deixa de ser crônica. Um olhar sobre o tempo de juventude. Um olhar sobre o tempo.

E esses dois casos-limites podem servir para deixar claro o que foi considerado crônica neste livro: é o texto publicado em jornal e revista que instaura um olhar próprio para os fatos e para a linguagem. Pode parecer um pouco





subjetivo, mas é exatamente a subjetividade que cria o cronista, essa figura que nem é a pessoa biográfica do autor (por mais confessional que ele seja ou demonstre ser) nem a figura puramente ficcional do narrador clássico do romance. Os grandes cronistas criam, no exercício cotidiano da escrita, uma



verdadeira persona que o leitor termina por identificar à primeira vista. Esse é o caso do nosso maior cronista moderno, Rubem Braga, mas é também o de cronistas anteriores a ele, como Lima Barreto e Machado de Assis. E é também o de alguns cronistas paranaenses marcantes, como Roberto Gomes, Domingos Pellegrini e Wilson Bueno — para ficar apenas em três grandes nomes que fizeram a travessia do século passado para o atual escrevendo crônicas.

Enfim, definir "crônica" não foi fácil, mas foi possível.

Esse primeiro sucesso, digamos assim, sugere que definir "paranaen-

se" talvez também seja possível. Os paranaenses, aquelas pessoas que nasceram no território do Estado do Paraná, como se sabe, viajam, mudam-se, publicam em diversos lugares. Por outro lado, um monte de gente — eu mesmo - não nasceu nos limites desse território, mas se muda para o Paraná, escreve

e publica aqui. Por isso, lugar de nascimento, que define civilmente um paranaense, não cabe como critério quando se trata de literatura. Nem seria o caso, porque impossível, de discutir e descobrir o que seria tipicamente paranaense como tema ou linguagem. Felizmente, no caso da crônica, que nasce sem- >>>

pre na imprensa, há um critério objetivo que se pode usar: paranaense é toda crônica publicada em jornais e revistas paranaenses. Não importa se o cronista nasceu no Paraná ou noutro Estado, não importa se tratou de temas identificáveis como paranaenses. Não importa se morou aqui por um ano ou a vida quase toda: cronista paranaense é aquele que publicou na imprensa do Paraná. É claro que, de novo, o critério gerou ausências — e eu vou mencionar somente a mais marcante delas aqui. Um dos cronistas mais lidos da imprensa brasileira na virada do século XIX para o XX foi um paranaense de nascimento: Emílio de Meneses. Acontece que não consegui localizar crônicas suas em periódicos publicados no Paraná, embora tenha localizado uma enorme produção sua em jornais do Rio de Janeiro. Por

Limites

isso, ele não aparece no livro.

Estabelecidos esses critérios básicos, era preciso fazer a grande tarefa: escolher uma crônica de cada cronista. E, nessa tarefa, a primeira decisão de todas foi a de nem sequer cogitar ter a veleidade de escolher a melhor crônica publicada por este ou por aquele autor. Se essa atitude estaria condenada ao equívoco mesmo com a leitura integral da obra de um autor, seja pela instabilidade de critérios de valor, seja pela interferência contínua de algum sempre questionável mas também sempre presente gosto pessoal, o que dizer de uma seleção feita sobre uma leitura fatalmente tão parcial?

E, se aquele pensamento irresponsável foi o responsável pela aceitação da tarefa, este outro pensamento, o de abrir mão da posição superior de quem seleciona e de aceitar integral-



A revista Joaquim (1946-1948) e o jornal Nicolau (1987-1996) publicaram crônicas de autores importantes, como José Paulo Paes e Dalton Trevisan.

mente todos os pontos cegos envolvidos na tarefa, foi nada menos que libertador, aquele que de fato viabilizou o trabalho. Ficou afastada qualquer pretensão de ir atrás de todas as crônicas de um autor ou localizar todos os cronistas paranaenses. O encargo seria o

de localizar cronistas e crônicas significativos, ler tanto quanto fosse possível no espaço de alguns meses — que, afinal, com os atrasos que foram sendo gentilmente tolerados, acabou se estendendo por quase um ano — e fazer uma escolha dentro desse universo.



ANO I - Nº 12

VALÊNCIO XAVIER JOÃO CABRAL DE MELO NETO ITAMAR ASSUMPÇÃO LUIZ CARLOS PRESTES GERALDO LEÃO JOÃO ANTÓNIO JOSÉ PAULO PAES ALICE RUIZ WILSON BUENO LUIZ TATIT ADEMIR ASSUNÇÃO MANOEL WAMBIER POTY REVNALDO JABOIM PAULO LEMINSKI GUINSKI MOACIR AMÂNGIO JOSÉ MARIACANÇADO HELERA KOLDDY SIMONESTRUMINISKI GUINSKI MOACIR AMÂNGIO JOSÉ MARIACANÇADO HELERA KOLDDY SIMONESTRUMINISKI JOÃO ARRUDA RUI SUTTIL NELSON CAPUCHO ZELÍ ASERBAO DIMAS FLORIANI JOÃO VIRMONDI SUPLOY RITA BRANDT LILIAN ROTHERIT CASSIANA LACERDA CAROLLO J PEDRO GUILHERME GLÜCK ERNANT JERRAZ GUILHERME ZAMOBER APOLO THEODORO DALVA VENTURA ROSSE BERNARDI MARILÚ SILVEIRA DULCE OSINSKI MARISE MANOEL ADÉLA LOPES JUVENAL PEREIRA VICTORE SINDER AND LA CORDE SUPLEMBA SUR CARDA CAROLLO LO RECEIVADA DE LA LOPES JUVENAL PEREIRA VICTORE SINDER MARILÚ SILVEIRA DULCE OSINSKI MARISE MANOEL ADÉLA LOPES JUVENAL PEREIRA VICTORE SINDER MARILÚ SILVEIRA DULCE OSINSKI MARISE MANOEL ADÉLA LOPES JUVENAL PEREIRA VICTORE SINDER MARILÁNDE NOS CARDA DE LA LOPES SILVENAL PEREIRA VICTORE SINDER MARILÁNDE NOS CARDA DE LA LOPES SILVENAL PEREIRA VICTORE SILVENAL P VÍCTOR FARIAS MACACHEIRA JOSÉ HUMBERTO BOGUSZEWSKI JOSELY VIANNA BAPTISTA

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

Dessa forma, foi possível escolher uma crônica dos três cronistas paranaenses há pouco mencionados. Veja-se o caso de Wilson Bueno. Foi um cronista prolífico — e é inacreditável que essa produção ainda não tenha sido amplamente recolhida em livro e de um alcance extraordinário, com experiências curiosas, como as de exercitar o realismo mágico numa série de

textos, por exemplo, ou dedicar outra série aos animais, tema que também exploraria noutros gêneros. Ao mesmo tempo, criou personagens aos quais sempre voltava, uma galeria não muito numerosa mas significativa, composta por um amigo aqui, uma vizinha velhinha ali, ou seja, sempre alguém em relação direta com o cronista. A crônica "Vitória, a única" foi escolhida porque

traz uma dessas figuras por meio das quais um tipo mais vasto — o do polaco — se desenha, propiciando ao escritor um divertido exercício de linguagem, de manejo de estereótipos e de visão sobre si mesmo.

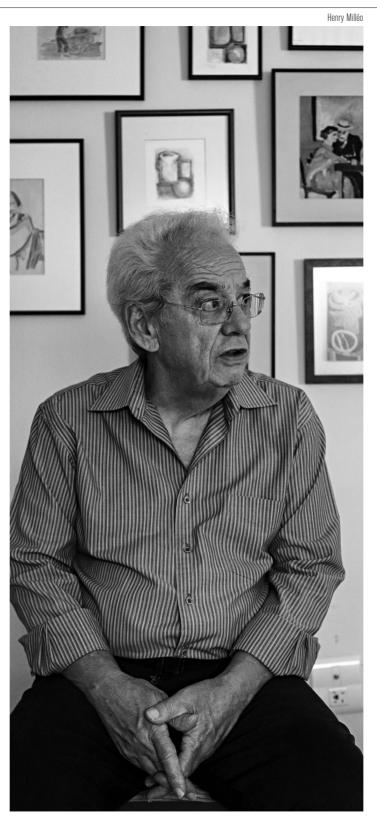
Também foi na relação do eu que fala no texto com uma personagem esta ligada de forma íntima ao cronista que se exercita nesse fio de navalha que é o eu compósito de ficção e de confissão — que recaiu a escolha por "Escolhendo Deus", de Domingos Pellegrini, na qual a mãe em final de vida e o filho conversam e, com humor e melancolia, vai-se criando uma reflexão sobre o fim da vida e sobre a maturidade, sobre os papeis que encarnamos e seu sentido ou falta de sentido.

Em "Um homem triste", de Roberto Gomes, o olhar do cronista é mais sutil: ele prefere ficar a distância. A crônica capta uma cena cotidiana num lugar banal — um bar qualquer - na qual dois personagens se definem em traços rápidos: o Tonin, misterioso, e o cego Tião, o dono do tal bar. Em torno deles todo um grupo se apresenta. E a persona do cronista, onde está? No silêncio final, na múltipla visão sobre o mistério de Tonin, na atitude terra-a-terra mas nem por isso superficial do cego Tião, no próprio mistério que não se resolve.

Um terceiro critério a se estabelecer era o dos limites da antologia. Os limites temporais, por exemplo, estavam dados: de um lado, a imprensa no Paraná começou com a publicação de O Dezenove de Dezembro em abril de 1854; de outro, o momento em que o trabalho de seleção das crônicas começou a ser feito, o segundo semestre de 2016. Nesse longo intervalo, não se negligenciou época nenhuma. Isso significou, por exemplo, não privilegiar o presente somente porque ele é naturalmente mais familiar. Haverá, é claro, momentos mais representados do que outros, mas isso se deve, em grande medida, aos movimentos históricos da própria imprensa paranaense. A virada do século XIX para o XX, por exemplo, teve um grande surto de periódicos por aqui. A militância em favor da Proclamação da República, aliada à emergência do Simbolismo, vividas por uma geração de intelectuais muito ativa, levou à abertura de inúmeros jornais e revistas, abrindo espaço para que um número significativo de escritores publicasse suas crônicas. Eventualmente também surgem iniciativas que, embora isoladas, são tão significativas que revelam um número considerável de autores. Esse é o caso da revista Marinha, editada em Paranaguá nas décadas de 1930 e 1940, assim como da "Nossa Coluna" e do suplemento "Letras e Artes", que circularam por um breve tempo, mas tiveram grande impacto. De toda maneira, o leitor encontrará textos de todo o largo intervalo temporal que esta antologia cobre.

Também foi fácil estabelecer um limite quantitativo: como já se adiantou, cada autor teria apenas uma crônica publicada — procedimento que, presumivelmente, evitaria desníveis entre tempos e escritores. A única exceção, curiosamente, diz respeito não bem a um autor, mas ao jornal inaugural da imprensa paranaense. Constituído basicamente por textos de leis e decretos — fazia as vezes de diário oficial — e por artigos não assinados, sem dedicar um espaço específico para a crônica, O Dezenove de Dezembro forneceu dois textos para a antologia. Um deles é a reprodução daquilo que mais se aproxima da crônica, uma "revista", que >>>

mistura polêmica sobre a construção de estradas de acesso ao litoral do Estado, notícia sobre a decisão de se construir o primeiro cemitério da capital e o registro do nascimento de uma sociedade recreativa. O outro, confesso, foi um capricho meu. Mas vejam lá se não tenho alguma razão para o capricho. Um belo texto, direto, escrito por um cidadão sem lides literárias, Antônio Rufino Nunes, que simplesmente colhe o testemunho e o pedido de Francisca Placidina, escrava alforriada moradora de Ponta Grossa que se vê de volta à escravidão, separada dos filhos livres, que são vendidos, tudo porque os herdeiros de sua senhora, agora morta, simplesmente ignoram que ela é livre. Tendo procurado a justiça de sua comarca, não é atendida, como era de se esperar, e resolve pedir a intervenção do próprio Presidente da novíssima Província do Império, Zacarias de Gois e Vasconcelos. Não sosseguei enquanto não encontrei, nos números posteriores do jornal, o desfecho do drama dessa mulher, que adianto aqui para os que, como eu, ficarem aflitos com essa história. O Presidente manda até a comarca de Castro um emissário, que investiga a situação e envia relatório descrevendo várias irregularidades. A família, incluindo a filha de D. Placidina que a esta altura estava em Guarapuava, é reunida em Curitiba, às expensas do governo, para aguardar o desfecho judicial, que lhe seria favorável. Seja por reconhecimento legítimo dos direitos dessas pessoas, seja por meio de um gesto de autoridade do Presidente da Província, a quem certamente não interessava que uma comarca importante tivesse uma elite local que agisse sem prestar contas ao novo governo, todos são restituídos à liberdade. O que o jornal não nos conta —



Nascido em Blumenau (SC), Roberto Gomes está radicado em Curitiba desde os 20 anos de idade. É autor de diversos romances, entre eles Alegres memórias de um cadáver (1979), Os dias do demônio (1995) e Todas as casas (2004).

e nem poderia contar — é o destino daquela família, o que puderam fazer quando de posse dessa liberdade.

Mas voltemos ao rol dos limites — e tratemos de notas de rodapé. O volume não teria — como não tem nenhuma nota de rodapé. A ambição era a de proporcionar uma experiência fluente de leitura. Para conseguir tal feito, o desafio era coligir crônicas que, embora entranhadas na vida de seu tempo, pudessem ser lidas hoje sem que fosse necessário recorrer a nenhum aparato erudito. O leitor vai ver se isso foi possível. Eu acho que foi.

Quase como consequência dessa limitação, excluí subgêneros específicos como a crônica esportiva, a social e a política, que sempre envolvem personalidades de grande visibilidade num certo tempo e que somem da vida pública, deixando poucos rastros na memória das gerações seguintes, exigindo muitas notas de rodapé. Também ficou de fora a crônica literária, ramo da crítica — embora o texto de Valêncio Xavier aqui incluído possa ser considerado uma exploração original desse tipo de crônica. Assim, ficamos restritos àquilo que poderíamos chamar de crônica do cotidiano, em sua feição bastante aberta em relação aos problemas que aborda. E não é de espantar que, mesmo com a exclusão da crônica esportiva, por exemplo, o esporte dê as caras por aqui.

O tempo presente

O que não limitou em nenhum momento a seleção dos textos foi algum perfil de autor desejável. Aqui, nomes muito conhecidos do jornalismo e da literatura do Paraná aparecem ao lado de outros, bem pouco lembrados. Essa é, para mim, uma qualidade desta antologia, a de trazer à lemFotos: Reprodução

brança intelectuais de diferentes áreas e épocas que, tendo mantido colaboração em jornais e revistas, não se tornaram escritores de renome, fosse por qual motivo fosse. Longe de enfraquecer o conjunto, essa abertura confere uma variedade maior a ele e o enriquece. Foi possível, inclusive, localizar tanto textos de mulheres cujos rastros é difícil achar, como Cecy Cabral Gomes e Celina Silveira Cruz, quanto de escritoras que, a despeito de terem tido atuação intensa, são pouco lembradas, como Raquel Prado e Ilnah Secundino. Ou perceber que, ainda muito antes do estabelecimento de um sistema de ensino superior desenvolvido no Estado, professores ocuparam espaço na imprensa do Paraná — de forma que o professor que agora organiza o livro, um pouco surpreso, não se viu como absoluta minoria, figura totalmente externa.

Com esta abertura, deixamos de lado os limites para enfrentar um outro problema. Se está resolvida a forma de seleção das crônicas, o que dizer de uma decisão talvez anterior que é a escolha dos cronistas? O mais razoável não seria escolher os autores e, depois disso, mergulhar em seus textos para selecionar um deles? Em tese, talvez fosse. Mas na prática, são tarefas, as de se selecionar autor e texto, que se realizam simultaneamente, não há como separá-las. A gente vai às fontes, localiza um cronista aqui, outro ali, vai lendo. Em algumas ocasiões, topa-se com uma produção regular e é possível conhecer várias crônicas de um mesmo escritor num curto espaço de tempo — o mesmo acontece quando essas crônicas foram reunidas em livro. Noutras, ao examinar um periódico, a gente se depara com um cronista, depois com outro, en-



Romário Martins (1874-1948) foi historiador, ensaísta, iornalista, cronista e político. Suas obras mais conhecidas são de história, principalmente História do Paraná (1898) e Terra e gente do Paraná (1944), mas publicou livros em outros gêneros de prosa, como Ruínas (1888) Eu (1931) e Paiquerê (1940).



Osvaldo Pilotto (1901-1993) foi engenheiro, professor do Instituto de Educação do Paraná e do curso de Economia da Universidade Federal do Paraná. Publicou diversos trabalhos na área de história, como A criação da província do Paraná (1953) e Cem anos de imprensa no Paraná (1976).

tão com um terceiro. Não há muito o que fazer, a não ser ler, anotar a existência das crônicas e se deixar levar por algo que — pelo menos é o que penso — é sempre útil: fazer com que as leituras se acumulem e abram entrada aos poucos num universo desconhecido, permitindo que esse universo se revele, também pouco a pouco.

No caso desta antologia, esse lento processo levou a uma percepção — óbvia, mas que, confesso, não estava assim tão clara para mim no início do processo — que exerceria influência decisiva sobre o resultado final. É a percepção de que ela, não importa o arco temporal que procurasse cobrir, tinha em mira um leitor de um tempo específico: o presente. Mais do que simplesmente reunir "amostras" de uma produção passada, era preciso organizar um conjunto que fosse vivo e pudesse, pelo menos potencialmente, interessar a alguém de hoje. É claro que isso não pode significar uma mera projeção daquilo que o leitor de hoje valoriza sobre toda a história da crônica no Paraná, projeção essa que recusaria certas abordagens e certas formas de escrita que nosso tempo pudesse considerar "ultrapassadas". Afinal de contas, uma antologia como esta tem a utilidade de, num espaço concentrado, nos confrontar com as formas de encarar a literatura que tiveram existência muito antes de aprendermos a ler, muito antes de termos nascido. Como todo leitor descobre, mais cedo ou mais tarde, há muita novidade na velharia.

Não seria o caso, portanto, de fazer concessão ao gosto contemporâneo, elegendo-o como o critério por excelência de escolha, e sim o de pensar na organização de um volume menos fragmentário, que procurasse romper com o isolamento de cada texto. Assim, tentei escolher textos que dialogam com outros textos, de tempos diferentes, escritos sob perspectivas diferentes. A proposta é a de que o leitor de hoje, mais do que uma recolha de crônicas, tenha nas mãos um volume orgânico, ainda que não uniforme, no qual possa ir encontrando caminhos dentro do conjunto relativamente extenso que percorre.

Mas não vou tratar desses caminhos. Esta é uma crônica de um livro de crônicas, não das crônicas que ele contém ou dos cronistas que as escreveram. Não tem a função de apresentar cada crônica nem cada cronista, mas sim o de colocar todas à disposição do leitor. A minha esperança é a de que aquele que percorrer o livro, levado pela organização afinal de contas aleatória da ordem alfabética do nome dos autores, ou pelo capricho de quem o abre em qualquer ponto e folheia, vá estabelecendo relações as mais diversas, não somente aquelas que estão previstas pelo organizador, como as que apontei, quanto outras, as que o próprio leitor vai descobrir e construir, atravessando estilos, pontos de vista, temas, vozes, e chegando, ao final de sua experiência de leitura, a uma imagem de como o tempo foi sendo visto e construído aqui, neste ponto do planeta onde a existência ainda pulsa continuamente. Exatamente como em qualquer outro lugar e, ao mesmo tempo, diferente de todos. ■



Luís Bueno é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e autor de Uma história do romance de 30, publicado em 2006 pela Edusp e pela editora da Unicamp. Também organizou o livro Capas de Santa Rosa, com a produção editorial do artista gráfico Tomás Santa Rosa, obra publicada em 2015 pelas editoras Sesc e Ateliê. Bueno vive em Curitiba (PR)

CRÔNICA | JOSÉ PAULO PAES



NÓS NUM COMEÇO DE VIDA

inda hoje, 40 anos após ter deixado definitivamente Curitiba, sou às vezes tido como escritor paranaense. Isso porque, embora paulista da região da antiga Araraquarense, foi em Curitiba que de fato nasci, ou acreditei ter nascido, para a literatura. O parto se deu nos idos de 1947, quando ali saiu o meu primeiro livrinho de poesia, O Aluno, publicado pelas Edições O Livro. As atividades dessa editora ad hoc, tanto quanto sei, parecem ter se limitado a três modestas, mas simpáticas, brochuras. As duas outras eram Os Gatos, de Armando Ribeiro Pinto, e O Marinheiro, de Glauco Flores de Sá Brito. Traziam, as três, capas do pintor Carlos Scliar, que não só fez todo o projeto gráfico das edições como convenceu José Cury a emprestá-las sob a égide de sua revista, O Livro, de cujo suplemento literário éramos os mentores.

Eu chegara a Curitiba dois anos antes com o propósito de estudar química. Estudei-a, sim, mas nos intervalos da militância política e literária de esquerda. Tinha vindo de São Paulo já mordido pelo vírus de ambas, e em Curitiba encontraram elas clima propício à sua eclosão. Aquela foi, como nenhuma outra, uma época de fermentação de ideias. A luta contra o fascismo levara a uma generalizada tomada de consciência, culminada, entre nós, na campanha pró-anistia (a outra), na redemocratização do país (ainda a outra) e na legalização do Partido Comunista (mas uma vez, ai de nós, a outra). Durante a guerra mundial, os olhos provincianos haviam aprendido a se voltar para a amplidão do mundo: um dos romances dessa época se chamava, significativamente, Grande e estranho é o mundo. O alargamento de visão se traduzia inclusive num boom editorial, já que os livros são janelas permanentemente abertas sobre o mundo. Nessas janelas nos debruçávamos nós, os da geração do imediato pós-guerra — também chamada, com menos propriedade, geração neomodernista ou geração de 45 — para respirar a plenos pulmões os novos ares que começavam a soprar.

Esses ares chegaram até Curitiba, então um pacato burgo de estudantes e funcionários públicos onde floresciam, outrossim, as academias de letras: desconfio que àquela altura tivesse, por quilômetro quadrado, mais acadêmicos do que qualquer outra cidade brasileira. Para contrabalancear esse handicap, haveria nela, porém, dois grupos literários visceralmente antiacadêmicos. Pouco tempo depois de arribado a Curitiba liguei-me a um deles, o da revista Ideia; faríamos em seguida os suplementos literários de O Dia e do Diário Popular, além do de O Livro. Os membros mais históricos do grupo eram Armando Ribeiro Pinto, Glauco de Sá Brito e Samuel Guimarães da Costa. Encontrávamo-nos no velho Café Belas Artes, na rua 15, que Eduardo Virmond com razão definiu como a melhor universidade que o Paraná já teve. Pela mesma época, Dalton Trevisan começara a editar o seu Joaquim, em que chegamos a colaborar. De Dalton se dizia então, com uma indisfarçável ponta de despeito pela novidade dos seus contos, que eram de quem tivesse lido Faulkner em versão espanhola. Hoje estou muito mais inclinado a crer que foi Faulkner quem leu Trevisan, possivelmente nalguma versão secreta feita por John dos Passos, que sabia algum português.

Os dois grupos antiacadêmicos se aproximaram mais um do outro por ocasião do Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, que se realizou em Belo Horizonte, ainda em 1947. Graças a uma estratégia bem planejada, conseguimos evitar que os imortais nos tornassem a dianteira e lá fomos, irreverentes mortais, representar o Paraná. Nossa comitiva era integrada por Temístocles Linhares, Samuel Guimarães da Costa, Armando Ribeiro Pinto, Dalton Trevisan, Glauco de Sá Brito, Colombo de Sousa e eu. Em Minas e no Rio tivemos oportunidade de estabelecer contato pessoal com os "novos" de outros Estados (que também tinham conseguido passar uma rasteira nos acadêmicos coestaduanos) e com monstros sagrados como Drummond, Graciliano, Zé Lins, Jorge Amado, Carpeaux e outros.

Depois do congresso de Belo Horizonte, ainda me demorei mais um ano em Curitiba para terminar os estudos de química. A paixão política já começara a esfriar, minada pelo processo de entropia que a camisa-de-força do secretarismo burocratizado necessariamente desencadeia. Mas a paixão da literatura não perdeu o pique. Continuou a crescer em São Paulo, para onde vim nos fins de 1948, embora se ressentisse da falta do calor humano daquela comunhão de ideias, projetos, realizações e ilusões que os amigos curitibanos haviam prodigalizado ao meu começo de vida literária. Desde então, voltei umas poucas vezes a Curitiba. Mas a cidade tinha crescido demais, se deixara desfigurar pelo câncer desenvolvimentista. E os azares do tempo haviam se encarregado de dispersar o nosso grupo. Senti sobretudo nunca mais ter podido ver Glauco de Sá Bri-

to. Da primeira vez que voltei a Curitiba, ele andava pelo Rio. Da segunda, já estava estupidamente morto, ele que tanto gostava da vida. Esse gosto ilumina toda a poesia que escreveu, poesia em que as incertezas e as promessas do amor serviram para pôr em funcionamento uma admirável máquina lírica. De quantos poetas conheci de perto, Glauco foi quem melhor me deu a impressão do poeta por fatalidade daquele cuja vida coincide com a sua poesia. Em Glauco, vivência e expressão estavam cronologicamente muito próximas uma da outra, quase não havia, a separá-las, a tranquilidade post-factum postulada por Coleridge para o recolhimento poético da emoção. Lembro-me até hoje das circunstâncias de ordem pessoal que inspiraram alguns dos poemas do seu primeiro livro. O segundo, publicado no Rio, não cheguei a vê-lo, mas me comovi com o terceiro, Azulsol, já póstumo, que a dedicação de amigos do poeta em boa hora salvou do esquecimento. Alegrou-me reencontrar ali, mais maduro no domínio da forma, mas sem nada a perder da força de sua imediatez lírica, o mesmo Glauco de quem recebi as primeiras lições de como fazer da poesia, mais que mera arte da palavra, uma arte de vida. Lições que desde o meu segundo nascimento curitibano tenho me esforçado por não esquecer.

José Paulo Paes (Taquaritinga, 1926-São Paulo, 1998) foi um dos mais importantes poetas brasileiros da segunda metade do século XX, além de tradutor e crítico literário. Formou-se químico industrial em Curitiba e exerceu a profissão até 1963. quando passou a trabalhar na editora Cultrix. Estreou em 1947 com o livro de poemas *O aluno* e depois publicaria volumes como Anatomias (1967), A poesia está morta mas juro que não fui eu (1989) e Prosas seguidas de Odes mínimas (1992), entre outros. Traduziu poetas e prosadores de várias línguas, entre os quais Konstantin Kaváfis, Laurence Sterne, Hoelderlin e Paladas de Alexandria. "Nós num começo de vida" saiu no número de

junho de 1988 do Nicolau.

CRÔNICA | MARTA MORAIS DA COSTA

llustração: André Calimar



FICÇÃO EM SALA DE PROFESSORES

calor da noite anunciava mais uma daquelas chuvaradas de espantar o mormaço e fazer descer a poeira do ar. A expectativa era de um final de dia mais fresco e limpo. A sala dos professores era um burburinho só. Os poucos minutos do intervalo permitiam um copo de café engolido às pressas, alguns sorrisos e, no máximo, uma troca de palavras que não podiam esperar a respeito dos alunos, diários de classe, programas ou avisos da direção.

Impiedosamente, os estudantes ainda retiravam do mínimo descanso docente alguns minutos para resolver dúvidas ou fazer reivindicações — principalmente abono de faltas ou recuperação de notas. O café quente descia, com sofreguidão, quase trazendo lágrimas aos olhos do professor, enquanto ele se decidia a não perdoar mais uma das frequentes ausências daquele aluno displicente.

O ambiente barulhento foi surpreendido por uma exclamação tão espalhafatosa, tão absurdamente exagerada, que as cabeças todas se voltaram ao mesmo tempo para o autor. O café perigosamente dançou nos copos de plástico, as mãos congelaram-se em gestos incompletos, as palavras emudeceram em sílabas inusitadas, ocasionando um discurso desengonçado, que encheu a sala de espanto.

O epicentro da surpresa, jornal nas mãos, olhar que parecia engolir as letras, contrariado, boca aberta e sem som, era um velho professor, às vésperas da aposentadoria, ainda capaz de incentivar em seus alunos a vontade de aprender, mas um tanto descrente da eficácia de uma vida dedicada ao magistério.

Os que lhe estavam próximos distinguiram a custo as primeiras palavras que conseguiu balbuciar: "Não acredito!", dizia ele, num misto de frustração e desânimo. Curiosos, os que conseguiam alcançar com os olhos a página do jornal, seguiam o dedo indicar do velho mestre e deparavam com nota em destaque na coluna social: "Jeoclécio T. W. P. Mirândola, recém-nomeado para importante cargo num dos ministérios em Brasília, preside uma campanha para adoção de sua obra Amar os livros e a leitura como texto paradidático nas escolas brasileiras de Educação Básica".

O movimento habitual na sala dos professores sofreu brusca reviravolta.

- Quem é esse? alguns indagavam, com expressão curiosa. Outros aguardavam informações, mas um terceiro grupo, de professores mais antigos, sacudia incrédulo a cabeça. O velho professor adiantou-se, esclarecendo:
- Entre os alunos que passaram por aqui enquanto sou professor, Joeclécio era o mais desinteressado, o menos curioso, o que estava sempre pronto a armar alguma confusão em que pudesse levar vantagem. Embora não seja de apostas, arriscaria o salário do mês como ele jamais leu um livro inteiro durante todo o tempo que esteve aqui. Muito ruim para nós que o aprovamos, mas acreditávamos que seria pior para ele, pois havia perdido todas as oportunidades de crescer intelectualmente. Ora vejam... Agora, além de escrever um livro, está no ministério!

Alguns professores mostravam um sorriso irônico, enquanto outros pareciam tomados por dúvida que, embora não expressas, eram dedutíveis no olhar surpreso: "Tudo o que pregamos será inútil?" "É possível ocupar altas funções sem estudo e sem leitura?" "Escritores não precisam ser leitores?"

Ao fundo da sala, uma professora franzina e tímida, arriscou:

— Tive um professor que se recusava a reprovar alunos, mesmo os mais fracos ou indisciplinados, porque, segundo ele, a vida se encarregaria de selecionar os mais aptos... Como explicar essa notícia?

Imediatamente, um professor otimista, com um copo de café em meio, retrucou:

- Vai ver que ele mudou ao longo desses anos todos. — uma gargalhada em uníssono invadiu a sala, misto de descrença e ironia.
- Quem não sabe, escreve... ao que imediatamente completou outro professor: — ...e vende!

Nisso, a sala começou a esvaziar--se, pois o grande relógio da parede anunciava o segundo tempo das aulas noturnas. Ficou na sala apenas o velho professor quase aposentado, o jornal entre as mãos, o olhar de volta ao passado, um irônico sorriso nos lábios e uma triste conclusão: "Jeoclécio, um amor a livros... fechados. Mais uma ficção, uma vida virtualizada na vitrine da aparência, mais um texto oportunista a ser empurrado goela abaixo das escolas brasileiras".

Terminou de beber seu café, dobrou o jornal, que largou sobre a mesa, e, de cabeça um pouco mais curvada, deixou a sala, convicto de que a aposentadoria era seu melhor projeto profissional.

Enquanto isso, a chuva continuava a cair, o ar continuava abafado, mas a sala se transformara num espaço silencioso, em que pairavam surpresas e dúvidas.



Marta Morais da Costa (Ouro, 1945) é professora de literatura. Atuou durante mais de quatro décadas na Universidade Federal do Paraná e também na PUC-PR. Dedicou-se sobretudo ao estudo do teatro – além de ser autora de uma peça, Femina (2000) – e da leitura. Publicou vários textos acadêmicos e, entre outros livros, Mapa do mundo: crônicas sobre leitura (2006), que inclui este texto, Palcos e jornais (2009) e Sempreviva, a leitura (2009).

CRÔNICA | ADRIANO ROBINE

Enterro de gente pobre

aquele findar de tarde, o sol tombava magnífico. Era um desses poentes translúcidos de Curitiba, onde luz e cor brincam de pega-pega na tristeza da paisagem. As púrpuras do ocaso tingiam os túmulos, e o silêncio do campo santo era quebrado apenas pelo estridente chilreio dos pardais, que se recolhiam aos ninhos. Fui ao cemitério matar uma grande saudade: minha mãe, meu pai, meus irmãos, meus amigos...

Passei longo tempo pelas avenidas ermas e silenciosas; alguns visitantes retardatários faziam orações. Pensei na vida, pensei na morte e saí com mais saudades. Quedei-me ao lado do cemitério, a esperar o bonde. Eis que surge, no topo da rua Trajano Reis, o féretro de um pobre. Os cavalos, cansados, talvez, de terem corrido muito pelas ruas da cidade, vinham em andante sostenuto, como diria o músico. O chicote do cocheiro estalou duas ou três vezes, mas sem resultado. Os quadrúpedes continuavam em marcha lenta, deixando de lado a pressa do cocheiro. Já vi aquela cena centenas de vezes, e de tanto vê-la é que, por certo, se me tornou banal e fria. Mas, naquela tarde que morria, a cena banal e fria mudou de aspecto. Aquele enterro sem acom-

panhamento, triste em sua mudez, tocou-me a alma. Há qualquer coisa de sutil no fundo do nosso coração — o sentimento. Resolvi acompanhar aquela tristeza que tão bem se casava com a minha tristeza. Naquela quietude universal eu me lembrava de minha pobre condição de mortal, pois lá dentro do cemitério eu falara mais com a morte do que com a vida. E isso, às vezes dizem os moralistas —, por curtos momentos, nos torna melhores... No instante em que ia acertar passo, a fim de seguir o carro fúnebre, estanquei para ouvir certas vozes indistintas que me vinham da consciência: "Vê lá se alguém não está a olhar-te! Que coisa é esta de acompanhar enterro de indigente desconhecido? Não vês, louco, que os teus amigos podem ver-te neste momento e, com razão, suporem que és parente ou amigo do morto pobre? Isto não ficará bem. Que não dirão eles?" Olhei para todos os lados e não vi ninguém; só o cocheiro, mas esse não me viu. Sosseguei e dei graças a Deus dos olhos do preconceito não estarem ali. A minha sensibilidade voltou envergonhada ao coração. Fiquei apenas curioso. O sentimentalismo — segredou-me ainda a vaidade — pertence ao mundo bíblico, a um mundo que já





morreu... Hoje, amigo, os arranha-céus sobem ao firmamento e os nossos sentimentos descem à terra...

Chegamos. Ao portão, nervoso e impaciente, com um carrinho de mão, estava o coveiro.

- Ó, José disse ele dirigindo-se ao cocheiro — "vamo" acabar com esse "troço" de trazer defuntos a esta hora — e, jogando o caixão de pinho no carrinho, arrematou violento: — Que raio de coisa, sempre a mesma chorumela!...
- O que tenho com isso?... respondeu displicentemente o cocheiro.

E lá se foi, em passo de alegreto, alçando o carrinho de mão, o coveiro. E eu a lhe seguir os passos rápidos.

- Nós devemos ter piedade para com os mortos! — falei de manso ao Tobias rebelado.
- Piedade para com os mortos? Ora, essa é boa... Por que o senhor não se lembrou de apiedar-se quando era vivo?... Os mortos não precisam de piedade; os vivos pobres é que a necessitam...

Calei-me envergonhado, e fui diminuindo os passos, e desapareci. Afinal de contas, quem terá razão nisso tudo? Eu creio firmemente que são os cavalos, pois eles, correndo vertiginosamente a carregar defuntos pobres, por certo desconhecem os segredos do coração humano!... ■

Adriano Robine (Curitiba, 1902-1982) foi professor e crítico de arte. Exerceu as funções de diretor do Colégio Estadual do Paraná e do Instituto de Educação do Paraná. Dava grande importância ao papel da arte na educação, tendo apoiado Guido Viaro na criação da "escolinha de arte" do Colégio Estadual, no final dos anos 1940. Foi um dos redatores da "Nossa Coluna", mantida pelo Diário da Tarde de Curitiba na década de 1940. Esta crônica foi publicada nesse espaço em 15 de agosto de 1944.

REPORTAGEM



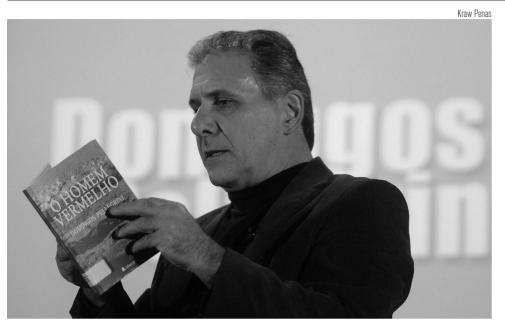
Primeiros trabalhadores de Londrina (PR), nos anos 1930, capturados pelas lentes do fotógrafo José Juliani.

Negligenciado por autores brasileiros durante muito tempo, o romance elaborado a partir de fatos históricos se transformou e ganhou relevância nas últimas décadas

atéria-prima pouco explorada pelos autores brasileiros durante boa parte do século XX, os fatos históricos ganharam protagonismo na ficção brasileira nas últimas décadas. A professora Marilene Weinhardt, do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do

Paraná (UFPR), estuda as transformações dessa possibilidade literária desde 1995. Hoje, sua lista conta com mais de 300 obras analisadas.

O ponto de partida de Marilene foi o romance *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, um marco na recriação da história brasileira. No livro,



Domingos Pellegrini é autor de vasta obra, com mais de 30 livros publicados. Alguns de seus romances, como Terra vermelha (1998), têm como pano de fundo a construção de Londrina nos anos 1930.

Santiago imagina o que Graciliano Ramos teria anotado em um diário a respeito do que viu e viveu nos primeiros três meses fora da cadeia, após mais de um ano preso pelo Estado Novo — fato ocorrido em 1936 e que deu origem ao romance Memórias do cárcere (1953).

A publicação nos anos 1980 de Em liberdade fazia um claro paralelo entre o período vivido por Graciliano e a ditadura então vigente, que censurava e oprimia desde 1964, apesar da distensão em curso na época.

Mais de duas décadas depois de iniciar sua pesquisa, Marilene vê traços comuns em obras publicadas no período mais recente. "Duas características me chamaram a atenção: o uso do discurso de memórias como recurso ficcional e a insistência na ficcionalização do período do regime militar, muitas vezes ficcionalizando a experiência dos filhos da geração que viveu o período", diz a pesquisadora da UFPR. Em sua tese de doutorado, defendida em >>>

PARANÁ (RE)ESCREVE SUA HISTÓRIA

O interesse pela ficção histórica entre escritores paranaenses se revela em bons novos títulos, a exemplo de Guayrá, de Marco Aurélio Cremasco, que revisita nossas missões jesuíticas, O herói provisório, obra de Etel Frota que ficcionaliza um fato praticamente desconhecido da história paranaense ocorrido em 1850, e Quatro gerações, de Ivo Pegoraro, sobre a colonização do sudoeste do Estado. Todos foram publicados em 2017.

A nova safra, no entanto, é um ponto fora da curva. Não pela falta de interesse dos autores, conforme sugere Miguel Sanches Neto, mas sim por conta do alto grau de exigência que a escrita de um romance histórico demanda. Em geral, as pesquisas são longas e caras. "Isso desanima a maioria dos romancistas", lamenta o autor de Um amor anarquista, livro que recria a experiência real de uma colônia anarquista no interior do Paraná no final do século XIX. Para ele, o romance histórico ainda é um nicho pouco explorado pelos autores. Autor prolífico, Sanches Neto já tem novo projeto: escrever uma ficção sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), conflito que envolveu os Estados de Santa Catarina e Paraná e é considerado uma espécie de Canudos paranaense. "Gostaria de escrever uma trilogia. Mas não sei quando terei tempo para isso — depois da aposentadoria, com certeza."

Adentrando nosso "sertão", a colonização do Estado é cenário de diversos títulos paranaenses.

Apesar de Terra vermelha (1998) se

referir à região de Londrina, o extenso relato que parte dos patriarcas José e Tiana, na opinião do autor, Domingos Pellegrini, "é similar ao de muitos outros municípios e regiões, começando com a chegada de pioneiros de várias etnias e também de outros Estados do país, enfrentando dificuldades de transporte, de subsistência, geadas, pragas, carências ditadas pelo isolamento". Uma característica percebida em obras como essa que destacam nossos termos e costumes, costurados entre tantas etnias migrantes ou imigrantes, é a tentativa de captar a fala coloquial do povo, sua cadência e vocabulário. Herdeiro de Guimarães Rosa, José Angeli (1944-2012) fez em A cidade de Alfredo Souza (1979), o que Wilson Martins chamou de "o romance do Paraná", contando a formação de uma cidade com todos os seus tipos e dizeres.

"O estilo oral de minha linguagem embora depurada literariamente vem dos peões, mascates e camelôs que eu via/ouvia contando histórias acocorados ou sentados em tijolos em redor do meio tambor em que minha mãe fazia sabão na pensão [Alto Paraná], como também ouvia sitiantes e fazendeiros na barbearia de meu pai. Então a memória funcionou não apenas para informações históricas mas também para formação da linguagem", conta Pellegrini.

Um senão a se lamentar: a dificuldade em encontrar nossos títulos, a exemplo de Terra roxa de sangue (1996), de Joaquim Carvalho da Silva; Os dias do demônio (1995) e Júlia (2008), de Roberto Gomes, entre outros.

em 1994, ela estudou a ficção histórica da região Sul na segunda metade do século XX (leia mais sobre obras do Paraná no box).

A professora destaca *Leite der-ramado* (2009), de Chico Buarque, e *Herança* (2008), de Silviano Santiago, como exemplos relevantes no uso do recurso da memória. Já *A chave de casa*, de Tatiana Salem Lévy, e *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, se enquadram no grupo de ficções sobre o período ditatorial pós-1964.

Evolução

Autor de vários romances que utilizam fatos históricos como pano de fundo, Luiz Antonio de Assis Brasil também percebe mudanças na produção mais recente do romance histórico. "Vejo uma evolução no sentido de minimizar — ou até apagar! — o fato histórico e concentrar-se na humanidade dos personagens, vertente que, salvo erro, teve início com Avante, soldados, para trás (1992), de Deonísio da Silva", exemplifica o professor, que cita ainda a novela Homens elegantes (2017), do autor gaúcho Samir Machado de Machado, como um exemplo de excelência dessa nova linhagem de romances.

"Temos de banir a nomenclatura 'ficção histórica', que não se aplica, de modo nenhum, à produção atual, em que o passado é apenas um espaço e um tempo. E não precisamos de outra designação, pois qualquer adjetivo é redutor e, no fim das contas, o que importa

é a qualidade da obra", diz Assis Brasil.

Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Miguel Sanches Neto convive com os dilemas dos mundos teórico e ficcional. Para sobreviver a esse embate, afirma que escreve "apagando os conhecimentos teóricos" que tem. "Isso [ater-se à teoria] mata qualquer romance. Esses conhecimentos [históricos e teóricos] são, em certo sentido, muito nocivos. O romance é um espaço da imaginação. Tento apenas viver naquele espaço e naquele tempo", diz.

Para Assis Brasil, A máquina de madeira (2012), romance de Sanches Neto que recria a trajetória do padre Francisco João de Azevedo, precursor da máquina de escrever, é exemplar em termos de pesquisa, narrativa e linguagem. Aliás, o escritor nascido em Bela Vista do Paraíso, no interior do Paraná, vem se especializando em narrativas de fundo histórico. Além do romance citado por Assis Brasil, ele escreveu livros como A Bíblia do Che (2016), A segunda pátria (2015) e Um amor anarquista (2005), entre outros.

Outras narrativas

Assis Brasil também cita a produção de Ana Miranda, em especial o romance *Desmundo* (1996), em que a autora narra a vinda da órfã Oribela ao Brasil colônia. A autora cearense também tem se notabilizado por tornar escritores personagens de seus livros, a exemplo de Gonçalves Dias, Clarice Lis-



pector e Augusto dos Anjos. Na primeira experiência em ficcionalizar a vida de um autor, escreveu *Boca do inferno* (1989), sobre o poeta satírico Gregório de Matos. O livro venceu o Prêmio Jabuti de 1990 e se tornou *best-seller*.

Amigo de Gregório, o padre Antô-









Os romances *Em* liberdade (1981), Azul Corvo (2010) e Leite derramado (2009) são alguns dos mais de 300 livros analisados pela professora da Universidade Federal do Paraná Marilene Weinhardt.

Precurssor

Davi Carneiro (1904-1990) escreveu um dos primeiros romances históricos do Paraná, chamado O drama da fazenda fortaleza. O livro, que Carneiro dizia ter escrito "mais como historiador que como romancista", pode ser lido na página do Museu Paranaense: http://www.museuparanaense.pr. gov.br/arquivos/File/odramadafazendafortaleza.pdf

Narrativa (histórica) curta

O vento nas vidraças (1983), do gaúcho Roberto Bittencourt Martins, resgata e debate questões do Brasil colonial. Para isso, ao invés de um romance, o autor escreveu oito contos, algo pouco usual entre narrativas históricas.

História alternativa

Outros Brasis (2006), de Gerson Lodi-Ribeiro, é composto de três novelas que ficcionalizam episódios da história do Brasil simulando finais diversos, com a vitória do Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança, a vitória do Quilombo de Palmares sobre os portugueses e o domínio da Holanda no nordeste do Brasil.

nio Vieira é personagem central na trama também. O religioso e escritor é mostrado em meio a muitas reflexões sobre sua atuação tanto poética quanto política, em meio a revoltas que marcaram o ano de 1683.

Marilene Weinhardt lembra que, para suprir o desejo dos leitores de consumir narrativas "baseadas em fatos reais", há uma série de outros discursos: jornalístico, histórico, sociológico, cinematográfico, televisivo, sem falar no romance de não-ficção.

O sucesso editorial dos romances históricos, segundo Sanches Neto, nada tem a ver com tendências. "O nosso público reage muito bem ao romance que teimam de chamar de 'histórico', e normalmente são campeões de venda. Mas o são porque têm qualidade, antes de qualquer outra consideração", considera Sanches Neto.

FOTOGRAFIA

CLIQUES EM CURITIBA

Danilo Senedezi Bechtloff fotografa desde os
15 anos de idade. Suas imagens fundem a paisagem
local a fotografias do próprio acervo. No breve ensaio
publicado no Cândido, Curitiba é registrada por ângulos
inusitados, que capturam tanto paisagem célebres
quanto lugares menos óbvios da capital paranaense.











CONCURSO

Inscrições abertas para o Prêmio Paraná de Literatura 2018

Fotos: Kraw Pena





Os vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2017 Sônia Barros, Marcelo Degrazia e Henrique Schneider conversam com o jornalista Omar Godoy, no auditório da Biblioteca.

Em sua quinta edição, o concurso da BPP vai selecionar livros inéditos de autores de todo o país nas categorias Romance, Contos e Poesia

DA REDAÇÃO

stão abertas as inscrições para o Prêmio Paraná de Literatura 2018. Em sua quinta edição, o concurso da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Estado da Cultura selecionará livros inéditos em três categorias que homenageiam es-

critores importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). No ano passado, com a adoção de um sistema de inscrição *online* e gratuito, mais de 2 mil obras foram enviadas por autores de todo o Brasil.

O vencedor de cada categoria receberá R\$ 30 mil e terá sua obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná, com tiragem de mil exemplares (que serão distribuídos gratuitamente em bibliotecas estaduais e diversos pontos de cultura do país). Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão, mais tarde, reeditar os trabalhos por outras editoras. As inscrições são gratuitas e devem ser fei-

tas até o dia 28 de junho por meio de um formulário disponível no site bpp. pr.gov.br. As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria). O resultado será divulgado até a primeira semana de dezembro.

Em 2017, os vencedores foram Henrique Schneider (*Setenta*, romance), Marcelo Degrazia (*A bandeira de Cuba*, contos) e Sônia Barros (*Tempo de dentro*, poesia). Os livros foram lançados e distribuídos pelo selo Biblioteca Paraná, que também edita autores paranaenses e resgata títulos relevantes que estejam esgotados ou fora de catálogo. "O Prêmio Paraná de Literatura já se estabeleceu como uma

das principais premiações do país. Não só pelo valor investido, mas principalmente pela qualidade dos livros lançados", diz Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública do Paraná e presidente do júri.

Pereira também destaca o sucesso do sistema de inscrição *online*, que tornou o Prêmio Paraná ainda mais democrático e acessível. Para ele, o grande número de inscrições em 2017 reforça a importância do concurso em sua missão de projetar o Paraná no cenário literário nacional. "O Prêmio Paraná de Literatura contribui de maneira expressiva para consolidar o projeto da Biblioteca Pública do Paraná de se firmar como um importante polo cultural do Estado e do País", afirma.